



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CAMPUS BINACIONAL DO OIAPOQUE  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/FRANCÊS

BRUNA DOS SANTOS ALMEIDA

JAMILY MACIEL FEITOSA

**NARRATIVAS ORAIS DOS KARIPUNA DA ALDEIA MANGA:  
DA COMUNIDADE PARA O AMBIENTE ESCOLAR**

**Oiapoque/AP  
Março/2018**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CAMPUS BINACIONAL DO OIAPOQUE  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/FRANCÊS

BRUNA DOS SANTOS ALMEIDA

JAMILY MACIEL FEITOSA

**NARRATIVAS ORAIS DOS KARIPUNA DA ALDEIA MANGA:  
DA COMUNIDADE PARA O AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras Português/Francês, pela Universidade Federal do Amapá- UNIFAP.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ma. Lucinéia Alves dos Santos

**Oiapoque/AP  
Março/2018**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CAMPUS BINACIONAL DO OIAPOQUE  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/FRANCÊS

**Oiapoque/AP**  
**Março/2018**

Dedicamos este trabalho a todos os nossos familiares e amigos que compreenderam nossa ausência em muitos momentos, que nos apoiaram e nos motivaram. A todos os nossos professores e colegas da academia que se tornaram, ao longo dessa caminhada, uma segunda família, nos ensinando e nos impulsionando ir adiante. A todos vocês seremos eternamente gratas.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente Àquele que nos presenteou com a vida, permitindo-nos conhecer pessoas maravilhosas, bem como vivenciar inúmeras experiências que nos fazem crescer a cada dia mais, em todos os sentidos.

Aos nossos pais que se dedicaram a nos ensinar valores que levaremos por toda vida, eles que por vezes se sacrificaram para que pudéssemos ter o melhor, pela paciência que tiveram, pelos incentivos que nos deram, e principalmente pelo amor que a nós esteve dedicado, em cada gesto, cada palavra, cada conselho, cada oração, cada repreensão, nos mostrando que o amor é a coisa mais bela que existe.

Aos nossos colegas de trabalho que foram incansavelmente compreensíveis conosco, quando necessitávamos nos ausentar do trabalho para realizar algo referente a Faculdade.

Aos nossos professores pelos ensinamentos, incentivos e correções.

À nossa orientadora por aceitar o desafio de nos guiar na elaboração desta pesquisa.

À comunidade em geral da aldeia Manga, em especial ao Cacique, aos Sábios, Professores e Alunos que nos concederam atenção, respeito, bem como dividiram conosco seus conhecimentos.

Ao Conselho de Caciques dos Povos Indígenas de Oiapoque e FUNAI Oiapoque que nos autorizou pesquisar dentro da área de preservação indígena, Aldeia Manga.

“Não apenas o pajé ou o ancião dizia a estória antiga, como as mães amavam repetir aos filhos toda a recordação da tribo, origens, gêneses, princípios, enrolados nos assombrosos mitos[...].”

(Camara Cascudo, 1984, p.79)

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. ASPECTOS GERAIS DOS KARIPUNA DO AMAPÁ</b> .....	12
<b>3. CONCEITOS DAS NARRATIVAS ORAIS</b> .....	15
3.1 Heranças culturais.....	16
<b>4. A ORALIDADE COMO TRADIÇÃO DO POVO KARIPUNA</b> .....	19
4.1 Coletânea de narrativas .....	21
<b>5. A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA</b> .....	29
5.1 As narrativas na escola indígena estadual Jorge Iaparrá.....	32
5.2 Entrevistas com os alunos .....	37
<b>CONCLUSÃO</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	44
<b>ANEXOS</b> .....	47
<b>APÊNDICES</b> .....	59

## RESUMO

As Narrativas Oraís Indígenas configuram um saber baseado na relação entre o homem e a natureza, os animais e o sobrenatural. Essa relação ocorre de maneira profunda, criando um entendimento entre eles. Esse conhecimento obtido através dessa relação é tido pelos indígenas, como algo sagrado, que deve ser respeitado e praticado, e é desta forma que eles transmitem uns para os outros, suas experiências, fazendo com que haja, respeito por tudo aquilo que os envolve, assim as narrativas transportam, de geração para geração, um saber que transpõe o entretenimento, antes, elas ensinam, educam. Essa prática de contar histórias através da oralidade, é uma das manifestações culturais mais antigas entre os povos, e embora tal tradição tenha resistido às transformações do mundo globalizado, ela já não ocupa o mesmo lugar que antes ocupava. As populações indígenas, independente da etnia que pertencem, possuem uma forma de viver diferenciada das demais populações, isso envolve também o calendário escolar, em que são inseridos aspectos próprios da cultura indígena, e isto faz com que o indivíduo aprenda também na escola a conhecer e valorizar a cultura do povo a que pertence. É através deste contexto que, apresentaremos como as práticas culturais dos Karipuna, vem sendo executadas ao longo do tempo, para tanto, coletamos dados através de nossas investigações dentre os moradores da aldeia Manga. Assim evidenciando as transformações sociais e tecnológicas que a referida aldeia vem sofrendo. Acima de tudo, demonstraremos o tratamento com as narrativas oraís, lendas, contos, que permeiam a trajetória de construção identitária desta população. Desenvolvemos esta pesquisa através de uma inquirição na aldeia, envolvendo a comunidade e o ambiente escolar, com o a finalidade de coletar as Narrativas Oraís Karipuna existentes na memória daqueles habitantes. Levou-se em consideração o fato de que essa localidade é um ponto de acesso a outras aldeias situadas ao longo do Rio Curipi e outros rios. É também um lugar onde o contato da população índia com a “não índia” acontece intensamente. Averiguou-se se a relação entre estas comunidades que possuem costumes, culturas e crenças diferentes, tem interferido na manutenção desta prática cultural, que é a transmissão de saberes através do contar, bem como, se os avanços tecnológicos que já fazem parte da realidade daqueles moradores, vem intervindo em seus costumes, se a escola, representada pela figura do professor, tem feito, e como tem feito seu papel de difusora dessa cultura. Devido à carência de pesquisas que tratam dos povos indígenas locais, utilizamos como aporte teórico principal TASSINARI (2003), *No Bom da Festa: O Processo de construção Cultural das famílias Karipuna do Amapá* de, onde a autora traz relevantes informações acerca dos Karipuna, VIDAL (2007) em *A Cobra Grande: Uma introdução à cosmologia dos Povos Indígenas do Uaçá e Baixo Oiapoque-Amapá*, que possui uma ampla abordagem sobre povos nativos, BARBOSA (2011), *Narrativas oraís: performance e memória*, MACEDO (2013) *Práticas De Oralidade: Narrativas Oraís Krahô No Contexto Escolar*, entre outros autores que tratam de temas relacionados ao proposto.

Palavras-Chave: Narrativas Oraís. Karipuna. Aldeia Manga. Ambiente Escolar.



## RÉSUMÉ

Les récits des oraux indigènes configurent une connaissance basée sur la relation entre l'homme et la nature, les animaux et le surnaturel. Cette relation arrive d'une façon profonde, créant une compréhension entre eux. Cette connaissance obtenue par cette relation se fait avoir par les indigènes, comme quelque chose de sacré, qui devrait être respecté et pratiqué et il est de cette façon qu'ils transmettent certains pour les autres, leurs expériences, faisant avec lequel il y a, le respecte pour tout ce que cela les implique, ainsi les récits transportent, de génération pour la génération, une connaissance qui transpose le divertissement, auparavant, ils enseignent, ils instruisent. Cette pratique de compter des histoires par l'oralité, est une des manifestations culturelles plus vieilles parmi les peuples et bien qu'une telle tradition ait résisté aux transformations du monde globalisé, elle n'occupe plus la même place qu'avant. Les populations indigènes, indépendantes de l'ethnie qu'elles appartiennent, possèdent une forme de vivre différencié des autres populations, cela implique aussi le calendrier scolaire, où sont insérés les aspects propres de la culture indigène en donnant la possibilité que l'individu apprennent aussi à l'école à savoir et estimer la culture des peuples que celui appartient. C'est par ce contexte que, nous présenterons comme les pratiques culturelles de Karipuna, sont exécutés au long du temps, pour tellement, nous avons rassemblé des données par nos enquêtes parmi les résidents du village Mangue. En mettant en évidence les transformations sociales et technologiques qui souffrent le village. Mais surtout, nous démontrerons les traitement avec les récits oraux, des légendes, des histoires, qui pénètrent le chemin de construction identitaire de cette population. Nous avons développé cette recherche par une enquête dans le village, impliquant la communauté et l'atmosphère scolaire, avec le but de rassembler le Narratifs Oraux des Karipuna existant dans la mémoire de ces habitants. On a pris en compte le fait que l'endroit est un point d'accès à d'autres villages situés au long de la fleuve Curipi et d'autres. C'est aussi un endroit où le contact de la population amérindienne avec non-amérienne arrive intensément. On l'a découvert si la relation entre ces communautés qui possèdent des habitudes, des cultures et des fois différentes, interfère dans le maintien de cette pratique culturelle, qui est la transmission des savoirs par le compte, aussi bien que, si le progrès technologique qu'ils font déjà partie de la réalité de ces résidents, si cela intervient dans leurs habitudes, si l'école, a agi par la figure du professeur, pour diffuser cette culture. En raison du manque de recherches que vous examinez les peuples indigènes locaux, nous avons utilisé comme la contribution théorique principale *No Bom da Festa : O processo de construção Cultural das famílias Karipuna do Amapá* de TASSINARI (2003), où l'auteur apporte des informations pertinentes concernant aux Karipuna, VIDAL (2003) qui possède une large approche sur des autochtones dans *A Cobra Grande: uma introdução à cosmologia dos Povos Indígenas do Uaçá e Baixo Oiapoque - Amapá*; BARBOSA (2011) ; *Narrativas Oraís : performance e memória*, MACEDO, (2013) *Práticas de Oralidade : Narrativas Oraís Krahô No contexto Escolar*, parmi d'autres auteurs qui examinent des thèmes liés au proposé.

Mots-clé: Récits Oraux. Karipuna. Communauté Manga. Environnement Scolaire.

## 1. INTRODUÇÃO

Falar de cultura é também falar de identidade, e quando se trata de cultura indígena, se diz respeito à afirmação desses povos como indígenas e pertencentes a uma dada etnia que possui suas especificidades e tradições próprias. Karipuna é uma etnia assumida e manifestada por uma determinada população de indígenas. No norte do estado do Amapá, bem como em outros estados do Brasil, existem povos que se autodenominam Karipuna. Nesta pesquisa, estaremos referindo-nos especificamente a estes nativos amapaenses e moradores da Aldeia Manga, localizada no município de Oiapoque. A Aldeia Manga é a maior aldeia Karipuna, e está situada a 24 km de Oiapoque, em uma região de terra firme do rio Curipi, possuindo uma população de aproximadamente 915 pessoas. (Dados levantados pela equipe de saúde do Posto de saúde da aldeia).

Nos ocuparemos de pesquisar a tradicional prática de contar/ narrar deste povo, tendo em vista que as Narrativas Oraís Indígenas carregam consigo sentidos que ultrapassam o entretenimento, elas ensinam e educam. Através delas, valores são passados de geração para geração, e o contar histórias através da oralidade, é uma das manifestações culturais mais antigas da humanidade, e embora essa tradição tenha resistido às transformações do mundo globalizado, elas já não ocupam o mesmo lugar que antes.

Desta forma, temos dois objetivos principais. O primeiro é desenvolver uma inquirição na referida aldeia, envolvendo a comunidade e o ambiente escolar, com a finalidade de coletar as narrativas oraís Karipuna que ainda sobrevivem nas memórias dessa comunidade e que fazem parte da construção cultural e identitária dos habitantes locais. Levando em consideração o fato de que a referida localidade é um ponto de acesso a outras aldeias que ficam localizadas ao longo do Rio Curipi e outros rios, e é um lugar onde o contato da população índia com a “não índia” acontece intensamente.

O segundo objetivo é averiguar se a relação entre estas comunidades que possuem costumes, culturas e crenças diferentes tem interferido, de alguma forma, na manutenção desta prática cultural, que é a transmissão de saberes através do contar, bem como, se os avanços tecnológicos, que já fazem parte da realidade daqueles moradores, vêm intervindo nos costumes tradicionais dos Karipuna que lá habitam, e se a escola, representada pela figura do professor, tem feito, e como tem feito, seu papel de difusora dessa cultura.

Para alcançar nossos objetivos e procurar responder às indagações que motivaram esta pesquisa, escolhemos para trabalhar como método de investigação a Entrevista Semiestruturada. Elaboramos três questionários contendo algumas perguntas iguais e outras diferentes e específicas para cada público. Sendo o primeiro, formado por adultos (comunidade em geral e pessoas mais antigas), o segundo, por jovens (estudantes) e o terceiro, por professores. Entrevistamos um total de 27 pessoas.

Nosso trabalho está dividido da seguinte forma. Iniciaremos fazendo uma abordagem geral sobre os povos de etnia Karipuna, em seguida analisaremos as Narrativas Orais, a partir das obras de Barbosa (2011) e Cascudo (1984). Num segundo momento, traremos à luz de Tassinari (2003) e Barbosa, a contribuição que os três grupos raciais (indígenas, negros e brancos) trouxeram para o processo de construção da prática da oralidade. Na sequência, como foco principal, abordaremos a questão da oralidade como tradição para os Karipuna do Amapá. E finalizamos trazendo as informações coletadas a partir dos questionários aplicados entre os habitantes do Manga, em que destacaremos a participação da escola como mantenedora e propagadora das práticas tradicionais indígenas e as possíveis respostas que encontramos para nossos questionamentos norteadores. Foram registradas aproximadamente 20 narrativas orais, transcritas somente 4 narrativas, o restante permanece no arquivo pessoal.

## 2. ASPECTOS GERAIS DOS KARIPUNA DO AMAPÁ

Existem no Brasil, de acordo com Silva (2013), quatro povos indígenas que se autodenominam como Karipuna. “[...]. Os Karipuna de Rondônia, Karipuna do Amapá, Karipuna do Guaporé, Karipuna do Acre”. Povos com semelhanças nos nomes, porém, com histórias culturais e línguas completamente distintas. No estado do Amapá, existem cinco etnias, os Karipuna, Galibi Marworno, Galibi Kalinã, Palikur e Wajãpi, povos que mantêm entre si um constante contato cultural e social.

Os Karipuna do Amapá vivem no extremo norte do estado, habitando o município de Oiapoque, nas Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã, distribuídas em 23 aldeias, nas margens do rio Curipi, BR-156 e rio Oiapoque. Soma-se atualmente uma população de 2.922 pessoas, dados levantados pelo censo da SESAI (2014), são falantes do Português e do patoá ou Kheul. Barreiros (2012) afirma que,

A origem da língua patoá (Creoula) e o português entre os Karipuna tem origem na Guiana Francesa, a partir do contato que os povos indígenas mantiveram, historicamente, com os guianeses no momento em que comercializavam, por troca ou venda de produtos para alimentação, artesanato e para atender necessidades diversas. A língua portuguesa teve origem a partir da escola dentro da comunidade e o contato com o branco. A partir do momento em que a escola entrou na aldeia Manga ficou proibido falar o patoá. O português passou a ser a língua falada, que viabiliza uma comunicação imediata entre os Karipuna (BARREIROS, 2012, p 41).

Segundo Conselho Missionário Indigenista - CIMI II (2002), os Karipuna do Amapá se formaram a partir de descendentes de diversas populações, principalmente por refugiados da Cabanagem, revolução ocorrida nos anos 1835 e 1840 na região norte do Brasil, na província do Grão-Pará. Sendo assim, os Karipuna são considerados um povo bastante heterogêneo. Nas pesquisas desenvolvidas por Tassinari (2003), a autora faz um percurso histórico dos Karipuna, traz referência deste povo desde o século XVII a fontes do século XIX. Em 1927 foram identificados pela Comissão Rondon, como habitantes do rio Curipi. Vidal (2009), também afirma que são chamados de Garipons e Caripounes por viajantes do século XIX, que os encontraram nos rios Uanarri, Curipi e Uaçá.

Para os Karipuna do Amapá, segundo Tassinari “o termo “Karipuna” é usado como autodenominação por essa população e indica uma identidade de ‘índios misturados’, ‘civilizados’ ou avançados, que é tanto atribuída como assumida pelas famílias Karipuna” [...] (TASSINARI, 2003, p.16).

Outro fator importante, é que somente a partir das pesquisas antropológicas de Tassinari, Vidal e trabalhos desenvolvidos pelo Conselho Missionário Indigenista (regional Pará e Amapá), foi possível conhecer o contexto histórico da literatura dos Karipuna do Amapá e até mesmo dos Povos Indígenas do Oiapoque.

A literatura etnográfica produzida especificamente sobre a população Karipuna é inexistente até a década de 1990. A única exceção diz respeito a um levantamento realizado por Gallois e publicado em coletânea sobre povos indígenas do Amapá e Norte do Pará (cedi.1983), [...]. (TASSINARI, 2003, p.17).

A Aldeia Manga foi fundada no 1970 pela família do senhor Florêncio e Davina dos Santos que decidiu deixar a aldeia Santa Isabel. Conforme relato da senhora Cesária Monteiro, em entrevista concedida, filha de Davina e Florêncio que são os fundadores da Aldeia Manga.

Quando nós entramos aqui no Manga, não tinha ninguém, era só nós primeiro. Eu, a mamãe, o papai, que a gente abriu aqui, que estavam abrindo a estrada nova, primeira vez quando nós viemos, não tinham ninguém nos que começamos aqui, fizemos umas casinhas, ficamos aí, depois que foram chegando o pessoal, nós fizemos roças, começamos a fazer farinha, trabalhar em roça, depois foi aumentando. [...]. Nós viemos de Santa Isabel, é lá que eu nasci, é lá que eu cresci, [...], já era senhora, mulher já tinha filhos, meu primeiro marido morreu quando estavam abrindo a estrada, fiquei aí com meus pais (MONTEIRO, 2017).

A Aldeia Manga é a maior aldeia Karipuna, e está situada a 24 km de Oiapoque, em uma região de terra firme no rio Curipi. Os principais meios de subsistência são a agricultura e a pesca. Existem também alguns moradores que são funcionários estaduais e federais. As línguas mais faladas entre os Karipuna da Aldeia Manga são a Língua Portuguesa e a Língua Kheoul (Língua Materna). Sendo a segunda língua falada somente pelos mais velhos, e por alguns jovens de famílias tradicionais<sup>1</sup>. Atualmente, como meio de revitalização da língua Kheoul na comunidade, a escola é uma das principais responsáveis de transmitir e instigar o uso desta língua.

Quanto à estrutura das casas na Aldeia Manga, grande parte é em alvenaria, mas há algumas ainda em madeira. Devido à proximidade com a cidade, a aldeia passou por várias mudanças. Uma delas está ligada principalmente às tradições culturais, o turé que é uma dança tradicional dos povos indígenas de Oiapoque, momento em que as pessoas agradecem

---

<sup>1</sup> Famílias que possuem conhecimentos sobre sua cultura e a mantêm preservada.

aos seres sobrenaturais ou invisíveis que vivem no outro mundo pelas curas alcançadas por meio das práticas xamânicas do pajé, antes festejado pela comunidade nos últimos anos, é celebrado apenas pela escola.

Nesta aldeia, assim como nas aldeias Espírito Santo, Santa Isabel, Açaizal, e outras aldeias são comemoradas as festas católicas. Momentos em que as famílias fazem suas promessas, conversam com os santos e pegam a bandeira em um mastro cheio de frutas. Desta forma, a família que ficou com a bandeira, torna-se responsável em fazer a festa do próximo ano. Os festeiros, como são chamados, ficam encarregados por toda a organização, desde a alimentação, bebidas e pela fiscalização do festejo para evitar que ocorram brigas.

A festa ocorre por quatro dias. As famílias passam um ano se preparando para dar a festa no mês de junho. Em dezembro é festejada a padroeira da Aldeia Nossa Senhora de Guadalupe.

Na comunidade, além das festas católicas, também são comemoradas datas importantes como dia do Índio, dia das Mães, etc. Recentemente entraram igrejas protestantes na aldeia, convertendo e formando novos adeptos, que fazem suas festas de agradecimentos que duram aproximadamente três dias.

Em todas aldeias da região existem regras internas e externas. Na Aldeia Manga, caso ocorra roubo, briga e até assassinato, a pessoa que cometeu o delito vai ser punida, fazendo faxina<sup>2</sup>. Dependendo da gravidade, a pessoa vai fazer faxina por meses. Outro meio de punição é o Kubahí<sup>3</sup>, o infrator fica horas com os pés presos, sem poder se mexer. Em caso de assassinato a pessoa é mandada para a Aldeia Encruzo, ficando lá por anos, submetida à roça tabocal. Existem outras regras, tanto para os próprios indígenas como para os não indígenas. Para o não índio entrar nas aldeias, é necessário pedir autorização do cacique e da FUNAI.

De acordo com Tassinari (2003), esse local sempre foi utilizado pelas famílias Karipuna para por via terrestre as vilas do rio Oiapoque, no período do verão, pois não conseguiam que passar pelo “furo” do Taparabô. A Aldeia Manga é o principal ponto de entrada e saída de moradores das aldeias vizinhas, assim como os visitantes que pretendem ir para outras aldeias.

---

<sup>2</sup> Limpeza feita pelo infrator na comunidade. Quem delega o que deve ser feito é o cacique e seus conselheiros. O penalizado poderá roçar ou capinar.

<sup>3</sup> Tipo de algema feito de madeira.

### 3. CONCEITOS DAS NARRATIVAS ORAIS

A comunicação é umas das capacidades primordiais e indispensáveis executadas pelo ser humano, pois a partir desta faculdade ele pode se expressar e compreender o mundo à sua volta. A fala é uma das maneiras que o homem utiliza para se comunicar, bem como os gestos corporais e faciais. No seio familiar, um dos meios de comunicação mais utilizados pelos sujeitos é a oralidade, pois é na conversa que os desejos, ordens, sentimentos, conselhos são expressados, compartilhados, conforme relata Barbosa:

A expressão oral não só tem sido fundamental para satisfazer a necessidade que temos de nos comunicar com os demais em todas as atividades do cotidiano como também tem permitido exteriorizar nosso mundo interior, nossos sentimentos e nossas emoções, e para isso tem-se utilizado a palavra com um valor estético, artístico e lúdico (BARBOSA, 2011, p. 19).

O Contar/narrar é um modo de aproximar o presente e o passado, e esse é um dos objetivos das narrativas orais. Para que isto ocorra é necessária a conexão de alguns elementos: quem conta/narra; o que se conta/narra; e quem ouve. Nesta perspectiva, o ouvir é tão importante quanto o narrar, pois não se conta aquilo que nunca se ouviu e aprendeu. Na transmissão oral é assim que ocorre, para transmitir o que lhe foi partilhado, o indivíduo precisa ouvir com os ouvidos e com a alma, para poder repetir o gesto com outros. A transmissão oral, ao mesmo tempo que funciona como uma reprodução do passado, se modifica, pois, cada contador/narrador possui uma maneira própria de dizer. Como afirma Barbosa (2011).

De boca em boca, pelas repetições constantes, chegou até nós aquilo que hoje chamamos de histórias, as narrativas orais populares. Numa corrente tecida ao longo de séculos, a experiência humana vem sendo intercambiada pela voz, de pessoa para pessoa, sem cair no esquecimento. Quando a oralidade é o único meio de comunicação, as narrativas orais são a maneira própria de essa sociedade transmitir seus valores e seus sentimentos aos mais jovens. Por meio dessas formas, tais como as lendas e os mitos, que se transmitiram/transmitem experiências, conceitos, e todo um conjunto de valores (BARBOSA, 2011, p. 19).

A oralidade por sua vez, é um objeto de estudo que foi e é avaliado por pesquisadores sob diferentes perspectivas. Em nossa pesquisa, ela foi estudada como sendo uma prática comum dentre as populações indígenas, visto que este método de comunicação carrega consigo inúmeros significados para essas comunidades. Delimitamos nossa investigação,

elegendo estudar a população Karipuna da aldeia Manga, e para isto nos fundamentamos em teóricos que consideraram a oralidade como um artefato valioso que noticia saberes, ensina, entretém, encanta, cria e estreita laços.

Cascudo (1984) relata na obra *Literatura Oral no Brasil*, a importância da prática da oralidade dentre as famílias do século XX, quando o modo de vida era mais regrado, onde a escrita não era acessível para todas as classes sociais, somente para a elite, quando a tecnologia ainda não fazia parte dos lares, e o contar era um exercício cotidiano nas rodas familiares.

Depois da ceia faziam roda para conversar, espairecer, dono da casa, filhos maiores, vaqueiros, amigos, vizinho. Café e poranduba. Não havia diálogo mas uma exposição. Histórico do dia, assuntos do gado, desaparecimento de bois, aventuras do campeão, façanhas de um cachorro, queda num grotão, anedotas rápidas, recordações, gente antiga valentes, tempo de guerra do Paraguai, cangaceiros, cantadores, furtos de moça, desabafos de chefes, vinganças, crueldades, alegrias, planos para o dia seguinte (CASCUDO, 1984, p. 15).

Este contar para o indígena, significa entrar em contato com o conhecimento, ou seja, é o se relacionar com fatos ocorridos com seus antepassados, é o tomar ciência do processo de construção de sua cultura, é conhecer seus ancestrais e principalmente, é o construir de sua afirmação enquanto indígena.

A tradição oral configura-se como uma representação fiel do repassar de conhecimentos. É uma prática muito antiga, tudo o que os antigos sabiam era repassado para seus descendentes através do narrar, contar, e estes contavam para seus filhos e assim sucessivamente, é o que nos mostra Cascudo (1984):

Outrora os chefes indígenas reuniam-se, ao redor das chamas, para discutir a vida da tribo, marcha dos dias, mudanças das malocas. Situação dos plantios, proximidade das piracemas. Era também a hora em que os moços, os curumi-açu, tomavam conhecimento das tradições guerreiras, das ocorrências seculares, dos segredos orais que orgulham a memória de narradores e auditório, ligados pela continuidade do idioma e do sangue (CASCUDO, 1984, p. 78).

### **3.1 Heranças culturais**

Sabe-se que no Brasil, desde os primitivos relatos históricos, que a partir dos primeiros contatos do homem branco e o índio, nos tornamos uma população mestiça, e com o passar do tempo, com a colonização, escravidão e a imigração, a nação foi se “mestiçando” cada vez mais até chegar nos dias atuais. Não nos é estranho ouvir alguém falar que possui sangue mestiço, e sem muito esforço identificamos que de fato é verdade.



Segundo Bakhtin (2012), tudo aquilo que reproduzimos, já foi pensado e manifestado anteriormente por alguém, e conforme o passar do tempo vai se repetindo e se transformando, mas o que há de original é a forma de propagar. Seguindo esta lógica, tudo o que somos foi construído com a influência direta ou indireta de outros, e o mesmo pensamento vale para nossos valores culturais.

Os indígenas possuem um vasto patrimônio cultural, crenças, costumes, comidas, danças, conhecimentos, cantigas etc. Essas heranças étnicas são vivenciadas e compartilhadas entre eles e outros. Os Karipuna em especial, conforme relata Tassinari (2003), são uma população proveniente da mistura de várias populações, como portugueses, negros e índios vindos de diferentes partes do Brasil. Desta forma, no que tange à oralidade, sua cultura possui traços dessas.

Como vimos, as famílias que atualmente compõe a população Karipuna têm procedências diversas, de maneira que não podemos chegar a conhecer a origem dos elementos que hoje, como um conjunto, fazem parte dessa cultura. Em última instância, pode-se dizer que são as mesmas influências africanas, europeias e indígenas que encontramos no Brasil inteiro [...] (TASSINARI, 2003, p. 22).

A oralidade, prática muito utilizada dentre os indígenas, segundo Cascudo (1984) e também Barbosa (2011) é proveniente de influências de três raças:

A literatura oral brasileira se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e uso do povo atual. Indígenas, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poetas e cantores profissionais, uma já longa e espalhada admiração ao redor dos homens que sabiam falar e entoar (CASCUDO, 1984 p. 29).

O Brasil, assim como outros países latino-americanos, apresenta como característica fundamental e específica a mestiçagem étnico-cultural. Isto se reflete nas criações de tradição oral, mediante marcas pertencentes aos povos se estabeleceram nesses países: índios, brancos e negros (BARBOSA, 2011, p. 30).

Sobre o universo indígena, Silva (1994) discorre que as “[...]. Cosmologias e seus mitos associados são produtos e são meios da reflexão de um povo sobre sua vida, sua sociedade e sua história. [...]” (SILVA, 1994, p.76). Nesse sentido, observamos as colocações da Professora Edilena, sobre as questões relacionadas ao Mito Karipuna, chamado Turé dos Pássaros que foi contado a ela por um sábio da aldeia Espírito Santo, já falecido;

[...]. Então ele conta que esse mito, não é um mito que ocorre entre os povos indígenas daqui ele não vem só por divertimento, diversão de contar, contou por contar, rir acabou, não, ele traz todo assim uma questão social é de se pensar como é que a gente vive naquele lugar, ele traz a reflexão sobre o espaço onde nós mesmos seres humanos indígenas vivem no nosso lugar. [...] (SANTOS, 2018)

## 4. A ORALIDADE COMO TRADIÇÃO DO POVO KARIPUNA

Os Karipuna não são diferentes das outras etnias indígenas, possuem tradições e costumes que, da mesma forma que antes representam e auxiliam em sua construção cultural e identidade enquanto índio. Tassinari (2003), antropóloga que desenvolveu sua pesquisa de doutoramento a respeito do processo de construção cultural deste povo. Ocasão em que a pesquisadora manteve um frequente contato com essa população onde observando-os e investigando-os discorre:

[...] esses relatos descrevem a ocupação do rio Curipi pelos antepassados das famílias Karipuna, englobam também a relação destes com as “turmas de karuãna” – os seres sobrenaturais relacionados aos pajés. Destaca-se a Cobra-Grande presa entre o monte Cajari e o Miritizal, no médio Curipi, onde as ondas constantes revelam a sua presença subaquática. Além da cobra, há tantos outros seres, moradores das cidades do fundo das águas, que atraem as mulheres e se manifestam na região encachoeirada do alto Curipi (Jooniz), que protegem a habitação do pajé (Bastião). Esses seres fazem parte das histórias de vida dos narradores, e algumas experiências vem justamente confirmar sua existência perigosa (TASSINARI, 2003, p. 2015).

Os mitos e as lendas são gêneros de Literaturas Oraís e compõem a cultura indígena. Os Karipuna possuem suas próprias narrativas orais, algumas tratam de fatos relacionados ao poder da natureza sobre a desobediência do homem índio, outras sobre o poder do homem sobre animais místicos, sobre seres que encantavam humanos, cantigas para desencantar pessoas encantadas, essas histórias eram contadas pelos “antigos” aos mais novos, com a intenção de alertá-los e ensiná-los. Escreve Cascudo (1984) sobre a valor que carrega a oralidade para os índios:

Esse conjunto de estórias, lendas, danças e cantos completa o sentido da vida indígena. Não o pode dispensar porque explica o mundo, justificando-o aos olhos de sua curiosidade. Todas as cousas tem uma História no Tempo e uma estória para sua divulgação compreensiva, a parte exótica da cultura ameríndia (CASCUDO, 1984, p 87)

As narrativas orais sempre fizeram parte da vida desse povo, seja para contar a história de ocupação do rio Curipi pelos antepassados Karipuna, como falar do respeito aos seres sobrenaturais, como afirma Tassinari (2003). Aqui adentramos no nosso objetivo que é trazer reflexões acerca da valorização das narrativas orais dos Karipuna da Aldeia Manga, para isso foram entrevistados alguns indígenas considerados sábios da aldeia, que fazem parte de uma época conhecida como tempo dos antigos.

Registrou-se que as narrativas orais contadas pelos sábios da aldeia são passadas de geração para geração pelos pais, avós, tios, amigos, etc. E estes procuram repassar também para seus filhos, que são encarregados de repassar adiante, para que estas histórias não se apaguem da memória. Através dessas narrativas, as pessoas passam a ter o conhecimento de como era antigamente, são fatos acontecidos há muito tempo entre os Karipuna.

Os sábios têm uma grande preocupação em relação a essas histórias orais devido às grandes influências das tecnologias. Para eles, todos esses ensinamentos podem se perder, e é importante repassar esses conhecimentos que possuem para seus descendentes, assim como é importante registrar através da escrita e gravações essas histórias orais. “É importante para nossa cultura, desde criança ela contava, muitas coisas nos esquecemos, é importante para passar para nossos filhos, nossos netos. [...]” (SANTOS, E., 2017).

Ouvir as narrativas orais dos Karipuna da Aldeia Manga é afirmar o que Cascudo diz, “[...], conversar com um aborígene, ouvi-lo falar, quando somos admitidos na sua confiança, é uma surpresa pela extensão de sua cultura oral” (CASCUDO, 1984, p. 87). São momentos únicos, debaixo das mangueiras, nos kabhê<sup>4</sup>, pátio das casas, ocasiões em que ficou-se horas ouvindo as histórias, cantos, as entonações das vozes, e aprendendo sobre o mundo cultural dos povos indígenas, e sobre o respeito que estes povos têm com a natureza, principalmente com os seres invisíveis.

[...]. O indígena conta horas e horas. Conta dias e dias, ou melhor, noites e noites, um milhar de estórias de guerra, caça, pesca, origem de varias cousas, o amanhecer de sua família no mundo. Todas as cousas, vegetais, animais, estrelas, fenômenos meteorológicos, enfeites, utensílios de trabalho, técnica de fazer uma ubá, corta uma arvore, remar, tirar o couro da anta, preparar uma armadilha pra matar onça, matar o veado, arranjar um aparelho de pesca, reconhecer a vinda da piracema, os hábitos dos peixes, todas tem uma história religiosa, hierárquica, e uma literatura folclórica adjacente, explicando por menores que atestam a velhice do motivo. A massa desses conhecimentos tradicionais é maior do que calcula o otimismo perguntadeiro do “branco” (CASCUDO, 1984, p. 87).

Barbosa (2011) compartilha do mesmo posicionamento de Cascudo quando expõe sobre os significados envolvidos no ato de contar/narrar. Para ele, esta ação revela uma sabedoria construída a partir de experiências obtidas através do contato do homem e seus semelhantes com a natureza, e para os índios, também, o contato com os seres sobrenaturais.

---

<sup>4</sup> Pequena casa construída em madeira sem paredes, coberta com palhas de buçu e atualmente também utilizam-se telhas industrializadas.

Existem várias ocasiões em que essas narrativas orais são contadas. Para os Karipuna da Aldeia Manga, antes de chegar a energia 24 horas, se contava mais histórias. Antigamente as pessoas da família se reuniam na casa, geralmente antes de dormir, tudo em silêncio sob a luz de lamparina ou vela. Os pais, avós, tios e até mesmo os irmãos mais velhos contavam estas histórias. Outros momentos em que são contadas essas narrativas orais são nos mutirões<sup>5</sup>, velórios, demarcação, pescaria, caçada.

Um dos entrevistados afirma que, “quando a gente planta roça, sempre a gente conta história no convidado, como era antigamente, todo mutirão a gente sempre conta história, nós vamos convidar os camaradas para plantar roça, por que quando a gente faz convidado a roça da gente dá muita raiz” (SANTOS, M., 2017). Atualmente, as histórias orais são mais contadas nestes últimos momentos. Com a interferência do avanço tecnológico na Aldeia Manga as narrativas orais estão mais presentes nestes momentos em que as pessoas estão próximas à natureza e tudo está em silêncio.

Todas as narrativas orais coletadas durante a pesquisa, descrevem o que diz Tassinari (2003), momentos vividos por antepassados dos Karipuna junto aos seres invisíveis habitantes do Rio Curipi, bem como sobre o passado histórico do contato com os seres, acordos e alianças feitas e mantidas até os dias de hoje.

#### **4.1 Coletânea de narrativas**

Diante de tudo o que foi exposto até o presente momento sobre as narrativas orais contadas pelos Karipuna, encontraram-se registradas algumas narrativas nos trabalhos feitos por Tassinari (2003), Vidal (2009), CIMI (2004). Estes coletaram ao longo dos anos em que desenvolveram pesquisas e trabalhos na região dos povos indígenas de Oiapoque lendas/mitos ou narrativas contadas pelos Karipuna, contribuindo assim, como ponto de partida para que os indígenas pudessem investigar sua própria história. Em virtude da importância dessas narrativas orais, atualmente elas são registradas pela escola. Entre os objetivos específicos da pesquisa estavam a coleta de narrativas orais na comunidade e na escola, inclusive valorizar tais narrativas como legado ancestral.

---

<sup>5</sup> Ou convidados, as pessoas são convidadas a ajudarem em um plantio de roça, como plantar, capinar, etc.

Coletou-se várias narrativas orais dos Karipuna da Aldeia Manga, desde os adultos considerados sábios da aldeia, alunos e professores, o que afirmam ser histórias verídicas que se passaram há muitos anos. Nesta coletânea estão as narrativas orais registradas pela pesquisa, tal qual como nos relataram. Ao final do trabalho vão em anexo as narrativas coletadas a partir de Tassinari (2003) e Vidal (2009).

### **Narrativa 1: Francinéia**

É de uma mulher chamada Francinéia. No tempo que ela estava de parto. Ela não deixou ficar recente o parto dela, (não se resguardou). Então, bem aqui tinha um igarapé, (próximo da casa da informante) foi aqui no igarapé. Então, nesse tempo ela foi lavar roupa, só que o sangue dela ainda estava coisando (ainda sangrava) e as roupas dela estavam sujas de sangue. Então ela lavou as roupas e foi para casa. Anoteceu. O marido dela estava pescando, quando ele chegou na casa ele perguntou se ela estava bem, ela falou que estava com umas dores de cabeça, se sentindo ruim, ela falou que não estava bem e iria dormir, então ela deitou na cama e dormiu.

Quando deu meia noite, alguma coisa estava perturbando ela, então ela começou a chorar, e o marido dela já tinha saído de novo pra pescar. Então, ela saiu dormindo, acordou e veio embora nesse igarapé aqui, parece que ela estava sendo encantada por uma cobra, tinha encantado ela. Aí o marido dela chegou em casa, e quando eles foram pra dormir, ela não estava mais junto com ele, então ele começou a ficar preocupado, parece que ele veio nesse igarapé atrás dela e a encontrou.

Quando amanheceu, eles vieram chamar aqui a família, a mamãe, os avós dele, os pais, e levaram lá onde ela estava, só que ela ficava com a cabeça baixa na mesa e começava a chorar, só chorar. Ela falou que viu uma cobra e mergulhou no igarapé, quando mergulhou ela não via mais nada, só enxergava uma coisa bonita, um lugar muito bonito, apenas isso. Depois eles chamaram o pajé, começaram a fazer banho pra ela, que o pajé tinha passado, e nisso ficou, ela ficou tomando os banhos, e aí foi melhorando, assim.

(Narrativa contada por Taiana Santos Silva, Aldeia Manga, 2017)

## **Narrativa 2: A Cobra Cascalé**

Há muito tempo atrás, existia uma família que morava em uma ilha. Então essa família, eles sempre faziam festas, o ritual do Turé. Então toda lua cheia em outubro na lua cheia, então eles faziam esse ritual

Quando estava chegando o dia da festa, então a família começou se preparar, fez bastante Caxixi, convidou muita gente. Então, quando chegou o dia da festa, todo mundo veio para a festa. Só que debaixo dessa ilha, eles não sabiam, mas morava uma grande cobra, muito grande.

Eles começaram a dançar, comemorar, se divertir, tomar caxixi. Aí, a filha do pajé, ele tinha uma filha, filhos e mulher. Então, a cobra vendo toda essa festividade, ela veio dançar com eles. Eles achavam que ela era um ser humano, só que não era, era um ser de outro mundo, só que veio dançar com eles na festa.

Ele dançou a noite toda (a cobra), ele chegou 8 horas da noite na festa e dançou até umas 2 horas, só que ele acabou se apaixonando pela filha do pajé. Ai, eles dançaram, dançaram, dançaram, até que a cobra pediu pra eles irem dormir, só que a cobra tinha bebido muito, então ela estava porre. O pajé também tinha bebido muito, então ele também estava porre. Aí então, quando eles foram dormir, a cobra sem perceber, ela acabou se desfazendo, ela saiu dessa pele de humano e acabou se transformando novamente em cobra.

Aí então, o dia amanheceu, e no dia seguinte, a mãe da menina foi acordar ela. Quando ela viu que a filha dela estava na rede com um ser extraordinário, uma cobra, ela ficou apavorada, correu para chamar o marido dela, só que o marido dela estava porre, muito porre e não acordava, até que ela foi e chamou os filhos que vendo isso, resolveram, tramar para matar ela (a cobra). Eles pegaram o machado e o pau do pilão para matar a cobra. Só que a mãe deles falou que seria mais fácil se eles fizessem breu para segar ela (a cobra) para depois matar ela. Então eles fizeram breu e quando viram que a filha estava sendo sufocada já pela cobra, estava apertando ela demais, eles fizeram o breu e colocaram.

Quando eles abriram o olho dela e colocaram o breu, ela acordou com a dor, só que eles só cegaram um lado de olho dela, então ela deu um pulo e foi rapidamente para água, não deu tempo de matar ela. Então, quando a cobra chegou no fundo lá na casa dela, lá no fundo doutro mundo, ela afundou toda aquela ilha, então todas as pessoas, animais, todos os que estavam lá foram embora, eles foram para o outro mundo.

Os antepassados dizem que toda vez que eles passavam lá na lua cheia, eles ouviam o galo cantando, cachorro, eles ouviam papagaio, ouviam gente falando, nas festas, porque eles dizem que eles não morreram né, eles foram todos para o outro mundo, então lá, todo dia em noite de lua cheia eles fazem a festa deles, eles cantam e festejam, só que não nesse mundo, no outro.

É assim.

(Narrativa contada pela aluna Fraciane dos Santos Batista, Aldeia Manga, 2017)

### **Narrativa 3: Cobra Grande do Jonize**

Aconteceu que antigamente meu pai contava que existia grandes pajés, eles curavam muitas pessoas, cantavam e descobriam os problemas que a gente tinha. Essa cobra que encantou a mulher foi assim.

No tempo que eles estavam trabalhando ouro aqui para cima do rio Curipi, era tempo dos crioulos, quando eles trabalhavam muito ouro. Subiam de canoas, as canoas iam cheias de garimpeiros para trabalhar aqui para cima, eles iam de motor, quando esses garimpeiros passaram. Logo atrás veio o homem com a esposa dele, eles iam de canoa e remo, só eles dois, foram subindo, foram subindo e quando chegou em um certo local lá em cima, ele falou para a esposa:

- Olha já vai dar meio dia, eu vou ter que matar um peixe para nos comer.

A mulher dele disse:

- Então eu vou lá atrás, vou pilotar e vem aqui na frente.

E ele passou para frente da canoa e ela para traz. E ele foi flechando peixe. Quando chegou um certo ponto, aonde a cobra grande morava, chegou lá ele viu peixe e começou a flechar, mas ele não olhava para traz da canoa para ver a mulher dele, estava prestando atenção no peixe, ai ele flechou um peixe e falou pra ela remar que é pra mim pegar o peixe, e ela remou e ele pegou o peixe, ai eles foram mas a frente de novo e ele flechou outro peixe e pediu para ela remar de novo, ele falou:

-Rema.

Falou duas vezes, e não olhava para atrás, quando olhou não viu mais a mulher dele. Viu só as roupas dela bem arrumado atrás da canoa aonde e a estava sentada. E falou:

\_ Meu Deus! Bicho levou minha mulher.

Ele deixou o peixe que estava na flecha e nem foi mais atrás. E falou



-Eu vou voltar.

Nesse tempo aqui no Bastião, nessa aldeia pequena morava um pajé de nome Bastião. E ele foi diretamente com esse pajé. O pajé falou:

-Ah é uma cobra grande que tem lá, ela que encantou a tua mulher, e ela esta com ela no fundo agora, são três cobras, essa cobra não tinha mulher, ela tem um filho que está perto dela também.

O pajé falou:

- Nós vamos lá, eu vou cantar (fazer xitotó) hoje e amanhã nós vamos lá.

Então quando foi de noite o pajé se preparou, e mandou chamar ele, o pajé disse:

-Olha agora eu vou cantar, vou ver o problema dela e o que aconteceu.

O pajé começou a cantar, cantou, cantou. E disse:

- Olha é a cobra que encantou ela, tu queres a tua mulher de volta?

E o homem disse:

- Sim! Eu quero minha mulher de volta.

O pajé disse:

-Então nó vamos pegar quatro pessoas boa que tenha força e coragem para pegar ela. Amanhã ao meio dia, tem uma pedra bem grande no meio do rio, essas cobras vão estar lá se esquentado em cima daquela pedra, todos três, então a tua mulher está bem no meio, o primeiro é o macho, o segundo é ela, e o terceiro é o filho que está enrolado, meio dia eles vão está lá. E nós vamos lá pegar.

O pajé continuou:

-Vocês vão na roça, tem uma planta que eles chamam tracuá (Curauá), tiram e tragam para mim, que eu vou trançar uma corda. É com essa corda que vocês vão laçar a cobra, para pegar ela, e vocês vão levar galho de pião, para dar uma surra nela, mas tem que bater nela mesmo, quando ela gemer, que der o primeiro gemido vocês param, não é para bater, mas nela.

O homem disse tá, e o pajé disse novamente:

- Eu vou ficar aqui em casa, daqui eu ajudarei vocês.

Daí o pajé mandou eles, e os homens foram embora, quando chegaram lá naquele ponto onde o pajé havia falado que eles olharam viram aquele monte de cobra em cima da pedra que estava se esquentando, aí eles foram bem devagar chegando próximo das cobras, e disseram:

- Como nós vamos pegar ela.

E tinha um deles que eram bem corajoso, e disse:

- Um bora remando.

E foram remando, quando chegou perto o macho ouviu o barulho deles, e desceu para água, e o filho desceu também logo atrás, e ela estava dormindo e eles aproveitaram para correm em cima da pedra, quando ela levantou para correr, laçaram ela e começaram a bater, bateram, bateram, bateram nela, aí ela gemeu, quando ela gemeu eles pararam como o pajé havia falado. E trouxeram ela, e ela foi virando gente, até chegar onde o pajé estava ela já havia se transformado em pessoa, mas ficou com uma pinta de cobra no meio da costa dela, chegando ela disse que queria voltar que ela não era, mas desse mundo, ela já era do outro mundo, trouxeram ela amarrada. Quando chegaram com o pajé ele fez banho para ela, começou a dar banho nela, fazer remédio, ela ficou boa. Mas não demorou muito tempo e ela morreu.

(Narrativa contada por Amarildo dos Santos, Aldeia Manga, 2017)

Nesta narrativa, segundo as pessoas entrevistadas, não houve um respeito com os seres sobrenaturais. Uma das causas da Cobra Jonize ter encantado a mulher, é explicada por eles devido ela estar em período menstrual. Para os Karipuna as mulheres nesse período, assim como quando a mulher está de resguardo, não podem ir para o rio, mata, roça, etc. Para os indígenas o sangue atrai os seres invisíveis.

#### **Narrativa 4: O Caçador**

Em uma aldeia chamada Estrela dois compadres foram caçar, era a primeira chuvada do inverno, o tempo estava muito feio, foram de canoa, chegaram num lugar chamado cachoeira empinada, e ficaram por lá pescando. O compadre Fausto falou:

- Olha daqui vamos voltar, para pegar peixe a noite.

O compadre Zé falou:

- Então tá.

Ficaram por lá em cima das pedras, pegaram peixe, fizeram assado e comeram. Quando foi umas oito horas da noite, pegaram sua canoa e começaram a subir o rio devagar, daqui a colar o compadre Fausto arpoava um trairão e foram subindo o rio, quando foi umas duas horas da madrugada, o compadre Zé escutou aquele grito, uma pessoa gritando, gritando, caçando de noite e falou para o compadre Fausto:

- Compadre escuta a pessoa caçando aí.

O compadre Fausto falou:

- Eu estou escutando.

Então era aquele homem gritando para os cachorros txou, txou, txou e os cachorros latindo, cachorro latindo a noite, muito cachorro, latido de cachorro grande, o compadre Zé falou:

- Meu Deus!

Mas seguiram remando, escutando o barulho, o compadre Zé disse para Fausto:

- Tu sabes quem é esse homem que está gritando aí na frente?

Ele disse não, o compadre Zé então falou:

- Então vamos parar aqui.

Pararam, mas o homem continuava gritando, caçando, ele estava caçando e dava aquele relâmpago e trovão, e os compadres lá e falavam vamos ficar aqui mesmo porque ninguém pode passar, aí ficaram e pararam próximo a boca de um igarapé e ficaram, e o homem caçador chegou na beira do rio e gritou, gritou, que era para atravessar mais não conseguiu, daí ele voltou e escutaram o grito bem para dentro do mato. O compadre Fausto então disse:

- Bora em bora, agora!

Aí eles passaram e remaram bastante e passaram. O compadre Zé disse ainda bem que nós passamos e quando iam passando próximo há uma montanha, ouviram novamente aquele barulho vindo para cima deles, agora o bicho veio, parecia dois cavalos correndo um atrás do outro, mas era duas antas, então esse caçador ele estava atrás dessas duas antas, e escutaram os cachorros latindo e vindo atrás das antas, as antas vieram e chegaram próximo a eles, e uma delas caiu na água, o compadre Fausto falou:

-Eu atiro ela?

O compadre Zé disse não, bora embora, porque escuta como o caçador vem atrás, e foram, não demorou a outra anta caiu na água perto deles de novo, mas continuaram remando, e foram embora, mas quando escutaram novamente lá vem o caçador gritando e os cachorros atrás, o compadre Zé falou:

\_ Compadre vamos embora se não o caçador vai atirar em nós, se ele nós enxerga.

E foram embora, quando chegou na aldeia o compadre Zé falou para seu pai. O pai disse meu filho sabe o que é isso é o caçador, que estava caçando, vocês tiveram sorte que ele não viu vocês, porque se ele tivesse visto tinha feito algo com vocês. O caçador é um velhinho

que anda com uma vara na mão e a arma dele do outro lado, mas essa espingarda o tiro que ele dá é muito forte, igual uma bomba. Ele mora na mata, só aparece em tempo de chuva, relâmpago e trovão é a hora que ele está andando.

(Narrativa contada por Amarildo dos Santos,2017)

## 5. A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Na Constituição Brasileira de 1988, o artigo 210 assegura aos Povos Indígenas o direito a uma educação escolar que respeite o uso da língua materna e procedimentos próprios de aprendizagem. A Convenção 169 da OIT, veio contribuir muito mais na luta pelos direitos indígenas no capítulo VI – educação e meios de comunicação, nos artigos 26 ao 31, estabelecem medidas para a Educação Indígena. Com todas essas propostas da legislação e as reivindicações feitas pelo movimento nacional indígena em prol de melhorias para educação escolar indígena, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, garantiu artigos importante para o ensino diferenciado.

A ideia de escola indígena específica, diferenciada e intercultural no âmbito das políticas públicas governamentais foi inaugurada no Brasil pela Constituição Federal de 1988 e regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 que definiu a escola indígena como responsável por assegurar aos povos indígenas uma educação “diferenciada”, onde o eixo seja o respeito intercultural e a necessidade de adequar os conteúdos e as práticas pedagógicas às realidades vivenciadas pelas comunidades indígenas. A escola diferenciada e intercultural surge, portanto, como contraponto ao modelo de escola colonial integracionista (BANIWA, 2012, p. 69).

Como pode ser observada, a educação escolar indígena passou por um amplo processo de reconhecimento, todas essas conquistas relacionadas à educação escolar desta população, só foram possíveis porque pessoas interessadas da sociedade civil pelas causas indígenas, se uniram a esses povos e construíram ao longo de muitas lutas uma educação diferenciada. O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas - RCNEI (1998), é um documento que se junta a uma série de Parâmetros Curriculares Nacionais organizados pelo Ministério da Educação e Desporto, e visa colaborar no sentido de fornecer subsídios e orientações para a elaboração de práticas curriculares pedagógicas para professores indígenas e não indígenas.

De acordo com Grupioni (2001), em 14 de setembro de 1999, foi aprovado na Câmara Básica do Conselho Nacional de Educação, o Parecer 14/99, que estabelece Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena. Este parecer traz a fundamentação da educação indígena, assim como define o funcionamento e a estrutura dessas escolas, como também expõe ações concretas em prol desta educação.

Conforme o autor citado acima, o Plano Nacional de Educação (PNE) de Lei Nº 10.172/2001, traz um capítulo sobre a educação escolar indígena, que está dividido em três partes. Na primeira, aborda-se um rápido diagnóstico de como ocorre a oferta da educação

escolar aos povos indígenas. Na segunda parte, apresentam-se as diretrizes para a educação escolar indígena. A terceira parte traça os objetivos e metas que deverão ser atingidos a curto e a longo prazo.

Educação escolar indígena específica e diferenciada é aquela compreendida a partir da escola, tendo como fundamento e referência os pressupostos metodológicos e os princípios geradores de transmissão, produção e reprodução de conhecimentos dos distintos universos socioculturais específicos de cada povo. Uma educação que garanta o fortalecimento das identidades étnicas e a continuidade dos sistemas de saberes próprios da comunidade indígena e a desejável complementariedade de conhecimentos científicos e tecnológicos, de acordo com a vontade e decisão de cada comunidade (BANIWA, 2012, p. 71).

Gersem José dos Santos Luciano, do povo Baniwa, é doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB), nascido na aldeia Yaquirana, no Alto Rio Negro, Amazonas. Como professor indígena integrou o Conselho Nacional de Educação (CNE) e esteve à frente da Coordenação da Educação Escolar Indígena, no Ministério da Educação (Secad/MEC). O autor tem grandes contribuições à frente deste ensino diferenciado para os povos indígenas, e aborda em seu relatório uma visão crítica acerca do cenário contemporâneo da Educação Escolar Indígena no Brasil, apresentado ao Conselho Nacional de Educação em 2007.

Baniwa diz que, “o relatório visa, portanto, servir de subsídio para o debate e para formulação de novas políticas públicas de educação escolar indígena ou aperfeiçoamento das ações e políticas já existentes, no âmbito do CNE e fora dele com os sistemas de ensino” (LUCIANO, 2007, p. 02);

As escolas indígenas diferenciadas em geral pautam suas ações e estratégias de transmissão, produção e reprodução de conhecimentos na perspectiva de possibilitar as coletividades indígenas a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas, a valorização de suas línguas, tradições e ciências, a defesa de seus territórios e outros direitos básicos, além de lhes possibilitar o acesso adequado as informações e conhecimentos técnicos e científicos da sociedade global, necessários para garantir e melhorar as condições de vida. As experiências levam em conta a necessidade da autogestão de todo o processo escolar conduzido pelos próprios povos indígenas, no qual o papel da assessoria e das políticas públicas resume-se a apoiar e oferecer condições técnicas, financeiras e operacionais para efetivação dos projetos. Desta forma, as comunidades indígenas discutem, propõem e desenvolvem seus projetos e ideais de escola, levando em consideração as pedagogias étnicas e projetos coletivos de vida. Apesar de todas as dificuldades e barreiras, algumas dessas escolas estão sendo aos poucos incorporadas pelos sistemas oficiais de educação, o que não está sendo fácil, por conta da esquizofrenia do sistema educacional do país que, embora reconheça aos índios os direitos quanto aos seus processos próprios de aprendizagem, não criou condições administrativas, técnicas e financeiras para garantir esses direitos (LUCIANO, 2007, p. 9).

A partir do RCNEI, enfatiza-se a reflexão do parecer da professora Maria Inês de Freitas, Kaingang, do Rio Grande do Sul, sobre a questão do aprendizado indígena:

Os alunos precisam aprender a contar histórias e mitos de sua cultura, a pesquisar e registrar usos e costumes de cada grupo indígena e a divulgar os conhecimentos adquiridos através dessas pesquisas. Desse modo, eles estarão valorizando a língua e a cultura indígena. É importante também, que os alunos consigam expressar-se oralmente nas diferentes situações da vida e que aprendam a ler e a interpretar situações da realidade com argumentação coerente e convincente. Além disso, nossos alunos precisam aprender a escrever textos bem estruturados, com coerência de ideias e uso de palavras adequadas (RCNEI, 1999, p. 152).

O Referencial Curricular traz como subsídio na área de línguas, algumas sugestões de competências e conteúdos a serem trabalhados pelos professores, entre eles, que o aluno compreenda e saiba recontar histórias e notícias narradas oralmente. No relato do professor Edilson Jesus de Souza, Pataxo Hã Hã Hãe, da Bahia, ele afirma que, “[...]. Temos como ponto principal a história do nosso povo, desde a origem de sua existência, passando pelos massacres, pelas vitórias(...)” (RCNEI, 1999, p. 64).

Nesse contexto, acerca da importância da educação escolar indígena no Brasil, iniciou-se no ano de 1979, no Amapá, município de Oiapoque, a inclusão do Patoá (Kheoul) na educação formal dos Povos Indígenas Karipuna e Galibi Marworno, a partir das grandes reivindicações destes povos, pois a língua havia sido proibida na escola por muito tempo.

Segundo Santos (2011), com iniciativa do CIMI, no ano de 1990 foi ofertado um curso de magistério para professores indígenas que haviam concluído o ensino de 1º grau (5ª a 8ª série). Este grupo era composto por 13 indígenas das etnias Karipuna e Galibi Marworno que concluíram sua formação em 1995, passando a ensinar em escolas indígenas da região nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

De acordo com o Currículo do Ensino Fundamental nas Escolas Indígenas: Karipuna, Galibi Marworno, Galibi Kalinã e Palikur (2006), atendendo à Lei de Diretrizes e Bases, artigo 79, § 2º estão garantidos no Plano Nacional de Educação, alguns objetivos, entre eles desenvolver currículos e programas específicos, voltados para a valorização cultural dos povos indígenas. Neste eixo, iniciou-se pelos povos indígenas de Oiapoque e com ajuda principalmente do CIMI, um longo debate pela construção do Currículo Específico para as Escolas Indígenas de Oiapoque, sendo aprovado somente em 2002. E tendo como proposta discorrer de forma organizada, como os povos indígenas de Oiapoque almejavam as suas

escolas, tanto em relação aos conteúdos, organização e metodologias, assim como, o respeito à sua cultura.

Santos (2011) afirma que, em dezembro de 2003, foi ministrado na aldeia Manga um curso de formação complementar em magistério, no qual formaram-se 120 professores indígenas, pela Secretaria de Estado da Educação, através do Núcleo de Educação Indígena. Após muita insistência por parte do movimento indígena e apoiadores de suas questões, no ano 2006 foi concretizado o concurso público específico para os indígenas.

No ano de 2007, aconteceu o ingresso de indígenas no ensino superior, ofertado pela Universidade Federal do Amapá, através do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, que atende os Povos Indígenas do Amapá e Norte do Pará, e tem como principal objetivo garantir a formação específica dos indígenas para atuarem na educação escolar, assim como formar futuros pesquisadores da cultura indígena. “Trazer as narrativas orais indígenas para o contexto escolar é uma forma de reconhecer que a escola é o espaço de diálogos entre saberes e, não o império de um único saber” (MACEDO, 2003, p. 5). Nesse sentido de valorização, revitalização e proteção dos direitos indígenas, a partir desse ponto observa-se como as narrativas orais são trabalhadas na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá.

### **5.1 As narrativas na escola indígena estadual Jorge Iaparrá**

De acordo com Santos (2011), a primeira escola da Aldeia Manga foi construída em 1977, passando por várias reformas e novas construções em 1981. A prefeitura construiu um outro prédio para atender o pré-escolar, com ajuda do CIMI, foi introduzida a escola Kheuol, atendendo ao público infantil, e tinha como principal objetivo fortalecer a língua materna (Kheuol). Após vários anos de reivindicações da comunidade indígena, em 1988 foi construído um novo prédio. A escola passou a ser chamada de “Escola Municipal de 1º Grau Jorge Iaparrá”, uma homenagem a Jorge Iaparrá, indígena da etnia Palikur que durante a abertura do Ramal da Aldeia Manga, sofreu um grave acidente vindo a óbito.

Na busca de progressos para educação escolar indígena, observamos que houve avanços significativos. No que diz respeito ao Plano Nacional de Educação, são atendidas e reconhecidas as escolas indígenas. Em 2002 a escola passa a ser chamada de Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá. A Escola-Campo atende alunos indígenas das etnias Karipuna e outras etnias, também atende “não índios” que habitam na referida aldeia. A oferta de ensino

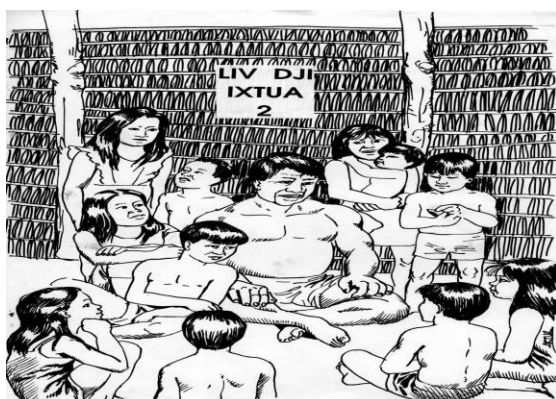
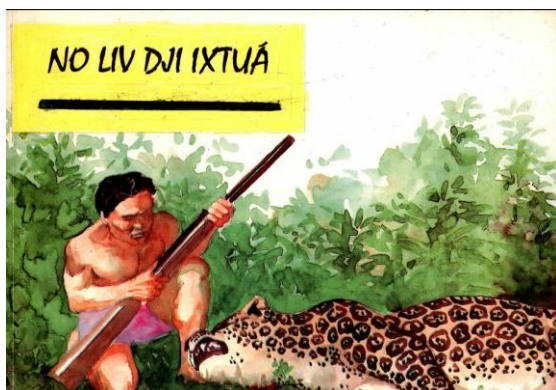


compreende desde a Educação Infantil (1º e 2º períodos), Ensino Fundamental I e II até o Ensino Médio, nos períodos manhã, tarde e noite. As aulas são ministradas em grande parte por professores indígenas, sendo ministrados apenas por professores não indígenas o Ensino Médio, devido à carência de algumas disciplinas. A escola está estruturada em uma área de 9.000.m<sup>2</sup> (90x100). Os espaços físicos são bem divididos, contendo 08 salas de aula.

A Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, segue as orientações dos PCN, PNE, pareceres e resoluções, além da proposta de Educação diferenciada do RCNEI. Assim como o Currículo de Ensino Fundamental das Escolas Indígenas Karipuna, Galibi Marworno, Palikur e Galibi Kalinã, respeita também as leis e regras da comunidade, possuindo um calendário diferenciado. A Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá possui um Plano Político Pedagógico dentre os objetivos estão:

[...], tem o firme propósito de formar cidadãos e cidadãs, para atuarem na sociedade de forma justa, seja em uma sociedade indígena e não indígena e assim o cidadão e cidadã possam agir com ética diante dos problemas; formar um cidadão indígena para que o mesmo possa entender de sua política e assim reivindicar seus direitos. Assim como qualquer outra instituição, a escola indígena trabalha na formação básica do aluno para que o mesmo possa ter um diploma e ingressar no mercado de trabalho, bem como, dar continuidade em outros níveis de ensino (PPP,2017, p. 14).

Nesse contexto, de diferenciação e especificidade, os povos indígenas de Oiapoque conquistaram a inclusão no currículo escolar de duas disciplinas fundamentais, a língua materna e a cultura indígena, essas disciplinas vêm somar no sentido de valorizar e reafirmar os conceitos indígenas. Sobre a valorização da cultura indígena, um dos objetivos específicos do Currículo Escolar dos Povos Indígenas do Oiapoque, da 2ª etapa do 1º Ciclo, é a memorização e transmissão de informações sobre a história da família, da aldeia e do povo. Para valorização das narrativas orais, foi construído com ajuda do CIMI, cartilhas com várias histórias na Língua Kheul e na Língua Portuguesa, chamada **IXTUA DJI AIE I DJI JODLA** (Histórias de Ontem e Hoje), **NO LIV DJI IXTUA** (Nosso Livro de Histórias), **IXTUA KI NO FE LA NO LEKOL** (Histórias que fazemos na Nossa Escola) etc.



Para os professores, é importante que o aluno conheça tanto os conteúdos do ensino do não índio, como também a valorização da sua cultura. A partir desse ponto sobre valorização cultural na escola, observamos como as narrativas orais são trabalhadas pelos professores na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá. Foram entrevistados para a presente pesquisa 8 professores indígenas. Através das entrevistas cedidas pelos professores foi possível coletar informações precisas acerca da grande importância das narrativas orais no contexto escolar. A escola aqui é a principal responsável para que essa tradição oral não se perca entre os Karipuna da Aldeia Manga.

Eu vejo assim, que nossas histórias indígenas elas são muito importantes para contar nossa história de vida, surgimento do nosso povo, sobre os nossos antepassados como foi que surgiu, eu vejo assim que faz parte mesmo da nossa história Karipuna, todo povo tem que ter uma história, faz parte das nossas raízes eu vejo como, tipo uma explicação, para hoje em dia. Acho muito importante pra mim, para meus alunos, eu trabalho bastante sobre essas histórias (SANTOS, K., 2018).

Entre as narrativas trabalhadas pelos professores na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá estão, o Mito Turé das Aves, A Cobra Grande do Jonize também conhecida como (Maria Antônia, Aramari do Jonize), A cobra do Poço do Miriti, e outras narrativas dos Povos

Indígenas de Oiapoque, (Mitos em anexo). O Turé das Aves é um mito contado pelos Karipuna, segundo a professora Edilena dos Santos, da disciplina cultura indígena, ela ouviu esse mito de um senhor de nome Tangahá Karipuna, da aldeia Espírito Santo, há muitos anos atrás.

A Dança dos pássaros ou Turé das Aves, é um mito que resgata a história dos pássaros que se juntaram e fizeram uma festa. Eram pássaros de todos os tipos, dançaram duas noites e dois dias, no final o jãdã<sup>6</sup> que era o tuiuíú<sup>7</sup>, perguntou para os pássaros quais eram os destinos deles, então os pássaros começaram a responder, eu vou para as montanhas, para oceano, lago, muritizal, etc. Cada qual escolheu o seu destino e se foram. Quando a professora trabalha estes mitos em sala de aula busca uma explicação carregada de significados, conforme ouvia do senhor Tangahá.

[...] quando vou trabalhar a disciplina cultura indígena, então essa diversidade cultural grande existente no mundo, eu aproveito muito disso pra falar o que é uma diversidade, quando eu trabalho assunto terra indígena, espaço, então eu faço tudo isso ai, e mesmo o autor da história relatava assim que essa história veio mostrar que entre três povos que habitam os Karipuna, os Galibi Marworno e os Palikur a terra indígena Uaçá, da forma que se deu cada um foi pra um rio, como até o dia de hoje, que cada um cuida do rio, e que justamente igual aos pássaros que escolheram seu lugar, outros foram muito longe, longe, longe, nas montanhas, porque que eles foram tão longe? É o caso dos Galibi Marworno que foram longe para cuidar da terra deles cada um no seu lugar. Tem muito a mostra para os nossos alunos a importância de cada um desses povos em cuidar desses devidos lugar, e hoje está se expandindo, vai para mas longe, Br, então a gente utiliza ainda mostra como é que se faz tudo isso ai, e outras ações que vem abordando em relação a isso (SANTOS, E., 2018).

Os professores aplicam essas narrativas orais em suas aulas, trabalham através de produção de texto, pesquisas, rodas de conversas, histórias em quadrinhos, teatro, dramatização, reflexões sobre a vida indígena, contam as histórias para as crianças do ensino infantil, fazem desenhos etc. Cada professor usa de seus conhecimentos e metodologias para trabalhar essas narrativas em sala de aula.

Como eu trabalho com a disciplina de artes eu trabalho muito a questão do teatro, no teatro tem a parte de construir historias, eu já trago uma história pronta para os alunos, as vezes os próprios alunos constroem histórias que eles já conhecem e a

---

<sup>6</sup> São homens que seguram bastões nas mãos e eles ficam olhando se as pessoas estão dançando direito ou fazendo algo de errado durante a festa do Turé.

<sup>7</sup> Pássaro também conhecido como Jaburu, é uma ave ciconiforme da família Ciconiidae.

partir daí eles vão buscando e pesquisando mais, e discutir em sala de aula o significado para eles e para nossa vida da escola (SANTOS, D., 2018).

[...], então envolve dentro do mito a gente vai trabalhar dentro do mito nós vamos trabalhar história em si, cultura indígena, matemática, geografia que é espaço principal que narra, a literatura indígena, literatura em si, língua portuguesa, língua indígena, então vai se dividindo mostrando como a história o mito a gente vai envolver todas as áreas do conhecimento que se trabalha dentro de uma escola indígena, tanto na escrita quando na arte, na prática, que são as brincadeiras envolve, as música que foi cantada na despedida deles, então nós temos tudo isso aí, é uma área muito rica pra ser explorada (SANTOS, E., 2018).

Para Lima (2015), trabalhar com narrativas orais, é procurar artifícios de aprendizagem, através das vozes, dos ensinamentos dos mais velhos e das tradições dos saberes culturais e dos princípios que completam os saberes da escola (LIMA, 2015, p 12). Nas entrevistas perguntou-se sobre a importância de se trabalhar as narrativas orais Karipuna no ambiente escolar, observou-se que todos entrevistados têm uma visão ampla sobre a seriedade de ser trabalhadas tais narrativas:

É muito importante porque, além de trazer um conhecimento rico para a vida do aluno indígena, para vida de nós profissionais da educação, além de ser importante para o desenvolvimento conhecimento cultural que a gente tem, é uma forma de manter vivo aquilo que está se perdendo, porque a gente está vendo, como hoje a nossa cultura ela está se defasando cada vez mais, então se a gente não trabalhar daqui com um tempo elas não vão existir principalmente se a gente não fazer registro, dessas histórias (MACIEL, 2018).

Os professores da referida escola, além de darem grande importância para a valorização das narrativas orais dos Karipuna no ambiente escolar, levam em consideração que no momento em que passaram pelo ensino escolar, essas narrativas não eram ensinadas pelos professores, por estudarem com professores não índios, que naquela época não estavam interessados nas questões relacionados à cultura indígena. As narrativas orais eram contadas somente na família.

Quando eu estudei de início, não existia isso, a gente via muita coisa de fora, nosso estudo era baseado no contexto de fora, não era um estudo que se mostrava muito o conhecimento indígena não, a gente aprendeu muita coisa, assim se formando pelo ensino modular, mas essa parte maior a gente viu já quando a gente começou a estudar para formação professor que é pelo CIMI, então a gente começou a abordar essa questão pelo CIMI. [...] (SANTOS, E., 2018).

Existe também uma grande preocupação quando se fala sobre os avanços tecnológicos na aldeia, para estes professores é preciso saber usar dessas tecnologias, pois elas interferem

nos ensinamentos dessas narrativas. A família precisa também contribuir para que essa tradição não seja esquecida.

Eu acho que a gente tem que saber usar. A tradição oral ela pode se perder porque eu vejo que são poucos que contam essa parte oral, são poucos pais, mas eu posso tirar pela minha família mesmo, porque hoje em dia a gente não vê, contação de história, pai contando história, as vezes a gente tem o momento de falar, eu vejo na casa da mamãe, ainda tem o momento que ela vai contar, é espontaneamente, ela começa a contar (SANTOS, K., 2018).

Interfere e muito, porque quando a gente dá aula, que a gente faz esses questionamento, na escola pergunta para os alunos, a não eu meu pai não conta porque ele não tem tempo, ele está assistindo novela, vai olhar jornal, vai ouvir música, vem pra internet, eu não tenho mais esse momento, eu não sei, eu venho ouvir na escola, porque meu pai não conta mais, e o aluno também não vai sentir muito motivado pra contar essas histórias, porque ele também já vem pra internet, então a gente tem que falar também da internet, da tecnologia para eles, da tecnologia ela vem para contribuir, mas você tem que saber quando, momento para ser utilizados na tua vida, infelizmente as pessoas não veem como mais poder as força e aí a escola tem que lutar muito (SANTOS, E., 2018).

A Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, por ser uma escola diferenciada, possui ferramentas necessárias para revitalização das narrativas orais Karipuna. E existem professores que se utilizam tanto das metodologias próprias criadas por eles, como das metodologias tecnológicas para revitalização das narrativas orais, e quando perguntou-se se teriam sugestões para o fortalecimento das narrativas, todos contribuíram discorrendo sobre projetos importantes que a escola poderia fazer.

Surgiram assim várias propostas para o fortalecimento, valorização, manutenção das narrativas orais: palestra com os pais, mostrar para a família a importância dessas narrativas, reuniões, conversas com os pais para incentivar a língua materna, oficinas, divulgar, fazer projetos, noite cultural, valorizar as pessoas que nascem com esse dom do saber, chamar a comunidade para participar dessas construção, gravar os mais velhos, reconstruir essas narrativas, dar continuidade a projetos que já existem como construção de livros, fazer o registro escrito dessas histórias.

## **5.2 Entrevistas com os alunos**

Os alunos que entrevistamos são jovens entre 15 a 26 anos, do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, todos da etnia Karipuna, estudantes e moradores da aldeia como era de critério.

Os entrevistados foram escolhidos de forma aleatória. Chegávamos a eles, nos identificávamos, falávamos de nosso trabalho e perguntávamos se podiam colaborar conosco cedendo uma entrevista. A maioria deles, no momento em que os abordamos, demonstravam bastante timidez, mas não se negaram a nos fornecer as informações. O questionário elaborado para subsidiar a entrevista com esses estudantes, continha 12 perguntas subjetivas.

Não será possível fazer neste tópico a transcrição total das informações colhidas nas entrevistas, mas relataremos aquelas que julgarmos mais significativas no que tange à finalidade desta investigação. Para preservar a identidade dos entrevistados, sempre que utilizarmos a fala direta deles, os identificaremos pela primeira letra do nome e série na qual se encontram. É importante salientar que algumas perguntas no ato das entrevistas precisaram ser feitas e refeitas de outro modo, pois em alguns momentos os educandos não compreendiam o sentido das perguntas.

A primeira pergunta que fizemos aos nossos declarantes foi a respeito do conhecimento que estes teriam acerca de histórias pertencentes à sua etnia. É uma das perguntas chave deste trabalho, pois ela direcionou para a coleta das narrativas dos Karipuna. De início, todos eles alegaram ter conhecimento de alguma história, embora alguns também dissessem não lembrar no momento. Mas o que apresentou-se foi uma grande dificuldade da parte dos estudantes para nos relatar na íntegra o que declararam saber, talvez tomados pelo nervosismo ou pelo desconhecimento do assunto. Diante disso, pedimos a eles que nos narrassem o que sabiam, mesmo que fosse uma pequena parte do mito, lenda etc. E desta forma conseguimos chegar a alguns resultados que podem ser contemplados no tópico 4.1. A maioria desses entrevistados declarou ter tido conhecimento dessas narrativas a partir da escola.

Mais adiante, durante nossas conversas, começaram a surgir informações importantes que nos levaram a descobrir o cenário da Aldeia e compreender como a vida de seus moradores tem se delineado a partir da influência de elementos que não faziam parte daquela realidade outrora. Um exemplo disso, está no advento de aparelhos tecnológicos, visto que eles estão presentes em todos os lares, e a respeito disso, os jovens relatam as mudanças que esses avanços tecnológicos trouxeram para a sua comunidade.

Dizem que fazem uso constante de televisão, internet, celular, computador e outros, visto que são meios extremamente necessários dentro dos lares, na escola e na comunidade em geral, e esses usos influenciam diretamente em suas vidas.

[...] a gente não tá sabendo utilizar esses avanços tecnológicos a nosso favor, e sim, a gente tá deixando com que ele atrapalhe na nossa cultura, nossas histórias, em vez da gente é, utilizar ela pra nos ajudar a gente tá utilizando pra nos prejudicar (T- 16 anos).

[...] em vez da gente aprender as vezes mais sobre nossa cultura a gente está esquecendo, a gente tá se coisando mais com as tecnologias de hoje em dia que nos oferecem (E- 19 anos).

[...]desde quando, acho que entrou mesmo essa internet aqui na aldeia, eu acho que, prejudicou muito eu acho, aqui na aldeia né, porque, as pessoas, os jovens, eles, agora, eles querem saber mais da internet do que procurar saber sobre mais da nossa cultura, das histórias, aqui interferiu muito esse coisa da internet na nossa aldeia. (J-19).

Estes depoimentos nos revelam algumas mudanças que o uso da tecnologia acarretou na vida desses adolescentes, levando em consideração que os jovens de outra geração não tinham este contato com a tecnologia, logo, suas práticas cotidianas e comportamentais eram outras. As modificações, segundo eles, vão muito além, atingem jovens e adultos e comprometem diretamente a sua cultura.

Cascudo já dizia que a oralidade era algo de grande valor para os povos indígenas, justificando assim o porquê era tão comum entre os antigos, as rodas de conversas diárias. Neste novo contexto vivido no Manga, nossos entrevistados nos relatam fatos diferentes que lhes ocorrem.

[...] eles não conversam mais como antes, eles não ficam reunidos, e mais coisa de internet, é aniversário[...] (T-15).

[...] hoje em dia é difícil você ver um jovem chamar seu pai pra ter essa curiosidade de conhecer um pouco mais da nossa cultura, porque antes era muito, você ver um jovem chegar no seu pai, na mãe, na avó, e pedi, ele queria conhecer, hoje em dia não, hoje em dia você não vê isso. [...] (F-16).

As práticas culturais e tradicionais dos Karipuna como as danças, as pinturas, os artesanatos, são a representação de seus valores identitários. Conforme relata Barbosa (2011), é possível identificar que estas práticas possuem sua importância para a juventude, embora tenhamos constatado através da pesquisa que é algo pouco praticado por eles. Ponderam a

respeito do significado que as histórias/narrativas que são contadas/narradas pelos pais, avós ou professores, transmite para eles:

[...]. Eu acho importante por causa que assim eles não deixam morrer, por causa que você vê hoje em dia, poucos jovens sabem essas histórias, poucos jovens conheçam um pouco da nossa cultura, então se os professores ajudarem, então eles podem conhecer, e podem passar de geração em geração, que esses nossos mitos, essas nossas histórias não morram não fiquem pelo caminho (F-16).

[...] porque eles, eles nós ajuda né, é, nos ajuda a, a conhecer essas histórias né, que, do nosso passado, do, daqui da aldeia e é muito importante pra nós aprender isso, pra nós, quando, por exemplo, quando nossos, quando nós ter nossos filhos né, ai de nós, ai já possamos passar para nossos filhos, essa histórias que nossos pais, nossa avó ela conta assim (J-19).

Eu acho que ela é importante né, para nós saber mais sobre nossa etnia, sobre aonde a gente vive, nesse lugar (S-23).

[...]é nossa cultura, então a gente devemos saber e aprender né, sobre nossa cultura e também nunca deixar, como é (...), a gente esquecer né, isso (E-19).

Outro fator também muito importante que foi relatado pelos entrevistados, é a consciência e preocupação que eles têm de que essas práticas culturais se percam em meio às influências que os avanços tecnológicos e outros fatores exercem em sua cultura, ameaçando assim que as gerações futuras não cheguem a conhecer os costumes e tradições de seu povo, tampouco venham a valorizar o processo de construção desta cultura que foi construída pelos seus antepassados. Dizem que:

[...] pode se perder por causa que [...] vai passando o tempo e eles vão morrendo, e a gente vai esquecendo de tudo, aí eles não vão passando para os filhos pros netos, isso vai acabando tudo (E-18).

Se, se a gente, num, [...] se interessar pra buscar né, aprender sobre essas histórias, acho que, acho que vai, porque depende de nós né, depende de cada um de nós se interessar para saber sobre essas histórias (J-19).

A partir destes acontecimentos, e para tentar mudar este cenário que se estabelece, eles apresentam algumas propostas.



[...]. Eu acho que só a escola na verdade pode começar com isso, por que a comunidade, a comunidade tá envolvida só que não da mesma forma que a escola pode transformar, porque a escola, as crianças estão desde pequenininho, se elas forem aprendendo desde criança, lá no futuro talvez isso possa mudar (S-23).

Poderia ter mais interesse dos pais ensinar os alunos, também as escola o principal meio pra ensinar os alunos, as crianças, as novas gerações (L-19).

Neste ponto, notou-se que os estudantes indicam a escola como principal aliado da comunidade na busca de reavivar a cultura Karipuna dentre os jovens e crianças, uma vez que os pais, avós já não desempenham este papel como antigamente.

Não se pode deixar de salientar que embora a cultura Karipuna já não seja praticada como antes pela comunidade em geral, os adolescentes destacam que embora não seja como antes, ainda há alguns momentos em que eles ouvem e contam histórias.

Na escola, em casa e quando a gente vai pro kahbê também, a gente fica comentando (T-16).

As vezes quando a gente tá com nossos avôs, nossos tio né, e sempre a gente se reúne assim, na tarde, a noite pra eles contar e também no momento de aula também (E-18).

Sim, tem momentos assim, quando a gente ta conversando sobre isso né, muitas das vezes até na casa da gente, os pais da gente sentam e conversam com a gente. Eles começam a falar, também tem momento na escola que, de apresentação de trabalho, quando a gente passa a pesquisar, quando os professores mandam a gente pesquisar sobre as histórias da nossa, nossa cultura mesmo, da nossa aldeia, eles manda a gente pesquisar, a gente vai, a gente pesquisa e a gente encontra essas histórias (E-18).

A escola aparece mais uma vez como componente importante nesse processo de propagação da cultura indígena, atuando em conjunto com a família, visto que esta última já não efetua esta tarefa como antigamente.

## CONCLUSÃO

Conforme apresentamos, os Karipuna do Amapá são povos indígenas detentores de uma rica cultura material e imaterial que compreende danças, artesanatos, histórias entre outros, utilizam a língua portuguesa como língua principal de comunicação, embora haja aqueles que sabem falar o Patuá ou Kheuol. Vemos também que as narrativas orais que compõem a cultura dos Karipuna, possuem um significado que transcende gerações, e para eles o narrar/ contar não é simplesmente um entretenimento, mas primeiramente um repassar de conhecimentos acerca de todas as coisas que lhes ocorrem. Desta forma, compreendemos que as narrativas que ainda resistem na memória dos habitantes da Aldeia Manga, são heranças de seus antepassados, tendo em vista que em outras épocas o contar/ narrar era uma prática muito utilizada naquele local, uma vez que não havia qualquer tipo de influência de contato com a população “não índia”, e qualquer momento que houvesse um silêncio e uma reunião de pessoas, era propício para repassar de conhecimento.

Os entrevistados envolvidos nesta pesquisa, foram pessoas de faixas etárias distintas, pertencentes a gerações diversas, que vivem no mesmo ambiente, mas que possuem diferentes atribuições em meio àquela sociedade. As informações coletadas foram bastante satisfatórias, e conduziram para o esclarecimento de algumas questões que nortearam esta investigação. Desta forma, notou-se que muitas das manifestações culturais dos Karipuna que habitam o Manga, passaram a ser praticadas de forma diferente de outros tempos, dados relatados pelos próprios moradores do lugar.

Os idosos (sábios), contaram que antigamente tudo o que diz respeito à cultura Karipuna era tratado de maneira diferente do que acontece hoje, e comparando o que estes sábios relataram com as informações colhidas com os jovens, pudemos traçar um paralelo entre o passado e o presente. Eles relatam que a energia elétrica ainda não havia adentrado no Manga, os hábitos entre as famílias eram outros, as pessoas mais antigas possuíam conhecimentos acerca da natureza, dos animais, da época certa para plantar, colher, sobre seres sobrenaturais, enfim, a sabedoria possuída por eles tinha uma explicação para cada acontecimento. Estes anciãos reuniam-se à noite em frente suas casas, ou durante a demarcação de terras, durante a plantação das roças e transmitiam esses ensinamentos para seus familiares e amigos.

Após a chegada da energia na comunidade, as atenções passaram a serem voltadas para outras coisas, os pais e também os filhos passaram a dedicar horas diante da televisão e

do computador. Os jovens mencionaram fazer uso frequente de celular, internet, assistir televisão, e que esses equipamentos tecnológicos bem como a própria energia, são muito úteis para eles, e o tempo que outrora era dedicado para as conversas em família, passou a ser dedicado a assistir televisão e acessar redes sociais. Essas mudanças de hábitos refletiram diretamente na cultura desses indígenas, uma vez que os momentos em família de conversas e ensinamentos passaram a serem raros, os pais passaram a não contar mais da mesma forma que antes, as histórias que os antigos viveram e lhes contavam, os filhos diminuíram o interesse em perguntar para seus pais sobre os tempos passados, sobre os seres sobrenaturais, religião e outros.

Diante disso, a escola acaba assumindo o papel que outrora era da família. Ela encarrega-se agora de ser a propagadora das tradições dos Karipuna, conforme relato dos adolescentes. Muito do que sabem sobre seu povo, foi aprendido na escola, pois é lá que eles têm maior contato com fatos ligados à sua tradição. Os professores acabam incentivando este conhecimento quando passam alguma atividade referente aos costumes indígenas, por sua vez, os alunos vão até os mais antigos e pedem para lhes contar algo, ou para lhes ajudar a confeccionar o objeto pedido.

Assim, vemos que as mudanças no contexto escolar, em relação aos métodos adotados para se trabalhar a cultura indígena dentro da escola, foram de fundamental importância para a manutenção das tradições desse povo. Agora com um currículo diferenciado, com a atuação de professores indígenas possuindo uma formação voltada para a realidade de seu povo, a escola Jorge Iaparrá pode garantir que os alunos tenham contato com as tradições culturais que pertencem aos Karipuna, já que essa incumbência circunstancialmente lhe fora atribuída, visto que no seio familiar o passar de conhecimento, o contar/narrar ocupa um lugar mais reduzido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Joaquim Onésimo Ferreira. **Narrativas Oraís: Performance e memória.** Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) — Universidade Federal do Amazonas, 2011.

BAKHTIN, M. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem.** 13. ed. Trad. M. Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.

BARREIROS, Jussara de Pinho. **Identidade, Território e Políticas Socioambientais: Estudo de Caso da Etnia Karipuna, na Aldeia Manga, no município do Oiapoque/Amapá.** Universidade Federal do Amapá., 2012.

BANIWA, Gersem. **Os Desafios da Educação Indígena Intercultural no Brasil: Avanços e Limites na Construção de Políticas Públicas.** In: Etnohistória, História Indígena e Educação: Contribuições ao debate. BRINGMANN, Sandor Fernando, NOTZOLD, Ana Lúcia Vulfe, ROSA, Helena Alpini, (Orgs.). Ed. Pallotti. 2012.

CASCUDO, Luís Camara. **Literatura Oral no Brasil.** São Paulo. 3ª ed. Itatiaia. 1984.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO REGIONAL NORTE II. **Os Povos Indígenas no Pará e Amapá.** Belém-PA. Graphitte Editores .2002.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO REGIONAL NORTE II. **Currículo do Ensino Fundamental nas Escolas Indígenas: Karipuna, Galibi Marworno, Galibi Kalinã e Palikur.** Oiapoque, AP, 2006.

ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL JORGE IAPARRÁ. **Plano Político Pedagógico da Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá.** Aldeia Manga. 2017.

GALLOIS, D. T.; GRUPIONI, D. F. **Povos Indígenas no Amapá e Norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?** 2. ed. São Paulo: Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena, Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da Universidade de São Paulo, 2009.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Organizador). **As Leis e a Educação Escolar Indígena: Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena.** Brasília. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental, 2001.

LIMA, Kezya Thalita Cordovil. **As Narrativas Oraís e a Educação Ribeirinha: o "Era Uma Vez" Na Voz dos Pequenos Interpretes Cametaenses.** IV Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão: Didática e Avaliação. 2015. Disponível: [www.ceduce.com.br](http://www.ceduce.com.br)

LUCIANO, Gersem José dos Santos. **Cenário Contemporâneo da Educação Escolar Indígena no Brasil.** Brasília, 2007.

MACEDO, Aurinete Silva. **Práticas de Oralidade: Narrativas Oraís Krahô no Contexto Escolar.** Anais do SILEL. Volume 3 número 1. Uberlândia UDUFU. 2013.

MANZINI, E. J. **A entrevista como instrumento de pesquisa em Educação e Educação Especial: uso e processo de análise.** Unesp de Marília, Projeto da ONEESP. 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SANTOS, Nara Aniká dos. **A Educação Escolar Indígena entre os Karipuna: História e Perspectivas da Aldeia Manga.** Universidade Federal do Amapá. 2011.

SILVA, Aracy Lopes. **Mitos e Cosmologias indígenas no Brasil.** In: Índios do Brasil (org. GRUPIONI), Brasília, 1994.

SILVA, Rebecca Louize do. **A Saga Karipuna: uma narrativa oral de experiência pessoal.** Porto Velho, Rondônia, 2013.

TASSINARI, Antonella. **No Bom da Festa: O Processo de Construção Cultural das Famílias Karipuna do Amapá.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

VIDAL, Lux Boelitz. **A Cobra Grande: Uma Introdução à Cosmologia dos Povos Indígenas do Uaçá e Baixo Oiapoque-Amapá.** Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2007.

VIDAL, Lux Boelitz. **Povos Indígenas do Baixo Oiapoque: O Encontro das Águas, o Encruzo dos Saberes e a Arte de Viver.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio e Iepé, 2009.

Sites visitados

[www.institosocioambiental.org.br](http://www.institosocioambiental.org.br)

[www.docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=PublicoesEscolaIndigena](http://www.docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=PublicoesEscolaIndigena)

[www.scielo.br/pdf/edur/v30n3/v30n3a11.pdf](http://www.scielo.br/pdf/edur/v30n3/v30n3a11.pdf)

## ENTREVISTAS

MACIEL, Gelson Pastana. Entrevista concedida a Bruna Almeida e Jamily Feitosa. Aldeia Manga-Oiapoque, 05 de janeiro de 2018. (A entrevista está transcrita no Apêndice desta monografia).

MONTEIRO, Cesária dos Santos. Entrevista concedida a Bruna Almeida e Jamily Feitosa. Aldeia Manga-Oiapoque, 22 de novembro de 2017. (A entrevista está transcrita no Apêndice desta monografia).

SANTOS, Edilena dos. Entrevista concedida a Bruna Almeida e Jamily Feitosa. Aldeia Manga-Oiapoque, 20 de janeiro de 2018. (A entrevista está transcrita no Apêndice desta monografia).

SANTOS, Edileusa. Entrevista concedida a Bruna Almeida e Jamily Feitosa. Aldeia Manga-Oiapoque, 22 de novembro de 2017. (A entrevista está transcrita no Apêndice desta monografia).

SANTOS, Keila dos. Entrevista concedida a Bruna Almeida e Jamily Feitosa. Aldeia Manga-Oiapoque, 21 de janeiro de 2018. (A entrevista está transcrita no Apêndice desta monografia).

SANTOS, Manoel Aniká dos. Entrevista concedida a Bruna Almeida e Jamily Feitosa. Aldeia Manga-Oiapoque, 22 de novembro de 2017.

SANTOS, Dieimison Sfair dos. Entrevista concedida a Bruna Almeida e Jamily Feitosa. Aldeia Manga-Oiapoque, 17 de janeiro de 2018. (A entrevista está transcrita no Apêndice desta monografia).

## **ANEXOS**

NARRATIVAS KARIPUNA QUE NÃO FORAM COLETADAS DURANTE A PESQUISA

FOTOS DA COLETA DAS ENTREVISTAS

DECLARAÇÕES PARA PESQUISA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

## NARRATIVAS KARIPUNA QUE NÃO FORAM COLETADAS DURANTE A PESQUISA

### A DANÇA DOS PÁSSAROS- TURÉ DAS AVES (MITO DE ORIGEM DOS PÁSSAROS)

Está é a história que os avos contavam sobre a dança dos pássaros.

Os pássaros se juntaram na praia e fizeram a dança deles. Era um dia de lua cheia, quando a lua fica clara. Todas as espécies de pássaros vieram e dançaram a noite toda. Dançaram duas noites e dois dias. Eram só os pássaros, não tinha bicho de terra, não tinha caça. Quando terminaram a dança, cada um procurou o seu destino.

O jãdam, aquele que segura um pau com enfeite de algodão no turé, era o Tuiuiu. Quando deu no terceiro dia o tuiuiu chamou toda qualidade de pássaro. Perguntou primeiro para o Cauaua: Qual teu destino?

E ele disse: eu vou para o campo.

E tu, jaburu?

-Vou para o campo, também.

E tu, Garça?

- No campo.

E tu, Pato?

- No campo também.

Está certo, porque até o mangal tem pato. E tu Carará?

-Vou para a beira do lago.

E tu, Mergulhão?

- Para o lago, também.

E tu Marreca?

- Vou para o campo.

Perguntou para o Socó, ele disse: “ Vou para a beira do lago”. Arapapá: “Beira do lago, também”. Quando terminou, disse: “ Eu também vou morar nos campos”. E depois perguntou para os outros:

E tu, Ganço?

- Vou para o mar.

E tu, Colhereira?



- Para o mar.

E tu, Guará?

-No mar.

E tu, Massaricão?

- No mar.

E tu, Arari? Uma arara vermelha.

- Na montanha.

E tu, Arara de Papo Amarelo?

- No miritizal e no açazal.

Está certo, porque é lá que tem mais Arara-de-Papo-Amarelo. E tu, papagaio?

- Na montanha e no miritizal.

E tu, Periquito?

-No miritizal.

E tu, Maracanã?

- No miritizal.

E tu, Tucano?

-Na mata.

E tu, Mutum?

- Na mata.

E tu, Nhambu?

- Na mata.

E tu, Jacu?

- Na mata.

E assim terminou tudo. É só.

(TASSINARI, 2003.narrador: sr. Tangahá Karipuna. Aldeia Espirito Santo. In: **Povos Indígenas do Baixo Oiapoque: O encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver.** VIDAL, Lux Boelitz. 2009, p 78)

## A HISTÓRIA DA PIRAPEMA

Ubani era menina que gostava de encher água, todos os dias de manhã ia encher água, pegava o balde dela e ia encher, um dia ela foi encher a água dela e disse à Pirapema, e a Pirapema boiou assim perto de onde ela estava, Ubani disse:

- Pirapema, se tu fosses uma pessoa queria que tu me levasses.

Aí a Pirapema foi embora, demorou, ele veio de novo e falou: “o que foi que tu disseste”. Eu disse:

-Se tu fosses uma pessoa queria que tu me levasses.

Então tá, amanhã de manhã eu venho pra te levar, ele disse e ensinou pra ela um canto pra chamar ele, chegou na beira da água, começou a cantar, cantou, cantou, não demorou muito, lá vem a Pirapema. Aí, a irmãzinha foi escutar com quem ela falava, falou para mãe:

- Eu vou escutar com quem Ubani conversa no porto.

E a mãe disse vai, e ela foi. Quando voltou disse à sua mãe:

- Ela pega o balde dela e vai embora e quando chega lá Ubani começa a cantar, e não demora o peixe boia, a pirapema boia, e ele vem falar com ela, bom agora vim te buscar, ela disse que está bom, amanhã venho te buscar, mas amanhã vou falar com minha mãe.

A mãe falou, minha filha vou te mandar lá com tua madrinha apanhar pimenta. A mãe da menina já havia conversado com o pai para ele matar o peixe. Então a mãe contou para o pai, e ele falou:

- Eu vou já matar ele.

O pai arrumou o arpão dele e disse para filha:

- Tu vais cantar, quando tu cantar ele vem, ele vem boiar. E ela começou a cantar, demorou, lá vem ele boiar, boiou rente à beira, aí o pai pegou o arpão e arpoou ele, quando chegou com ele na beira, o pai cacetou o peixe e matou.

- Bom agora nós vamos fazer um moqueado dele, começaram a cortar lenha, fizeram aquele fogo grande, e fizeram o moqueado, moquearam tudinho, aí quando Ubani chegou, foi direto para o porto, parece que ela estava cismando que era isso que eles iriam fazer com ele, pegou o balde dela cantou, cantou, cantou, nada dele boiar. É um peixe que o papai matou, a irmã disse:

- É um peixe que o papai matou, nós moqueamos para tu comer.

Ubani disse:

- Ah como, não quero comer não.

Passeou, passou, a mãe disse para filha:

- Ah minha filha eu moqueei isso pra nós comermos, convida tua madrinha pra ela vir comer com nós. Ubani disse:

- Tá eu vou convidar!

Foi e convidou a madrinha dela, voltou e ficou passeando pela beira do rio, e ela viu uma escaminha dele, e falou:

- Com essa escaminha vou embora. Pegou a escaminha, encheu uma vasilha grande (tacha grande), encheu de água, colocou a escaminha lá dentro, voltou para casa e disse para mãe:

- Eu vou tomar meu banho.

A mãe disse: aonde tu vai tomar banho?

Ubani respondeu vou tomar banho ali, a mãe disse tá. E ela foi tomar o banho dela, tirou toda a roupa e foi tomar o banho, pisou bem em cima da escaminha e começou a cantar, nesse cantar que ela cantava ela ia embora, a água ia crescendo, a irmã de Ubani sempre vinha olhar ela, voltava e contava pra mãe:

- Mamãe Ubani já vai!

A mãe respondia, Ubani vai, aonde Ubani vai? A irmã falava:

- Ela vai, ela vai, ela disse que vai embora, venha ver ela, que ela vai, a água já estava na barriga, e ela vai embora, Ubani *kale*.

Quando ela cantava a água crescia, a irmã via e falava para mãe, que Ubani ia embora, e a mãe não acreditava e dizia pra comadre dela “*mãnje, mãnje kume, kalalo la xuit, mãnje*”\*. Eles comendo e a água crescendo, a irmã via Ubani indo embora na correnteza e corria para avisar sua mãe, e falava:

- Mamãe Ubani vai embora, a senhora não vai ver ela, ela vai embora.

A mãe sempre falando ela não vai não, a irmã falava ela vai. Então tá, ela não vai. Enquanto isso, Ubani cantava, cantava, e a água já estava na testa dela, vendo isso sua irmã correu novamente, para avisar a mãe que Ubani ia embora, falando:

- Mamãe venha ver como Ubani vai embora.

A mãe veio, quando ela chegou já era tarde, a água já estava levando Ubani, mal aparecia o cabelo dela, a mãe pulou no rio conseguiu pegar o cabelo dela e arrancou alguns fios de cabelo de Ubani, que foi embora para o fundo do rio, a irmã chorando falava para mãe, eu não falei que Ubani ia embora, a senhora não me quis escutar. Ubani foi para o fundo do rio onde virou pirapema.

(Entrevista concedida a Bruna dos Santos Karipuna, aldeia Manga, pela sua avó Edite dos Santos, 20/12/2013. Pesquisa sobre Pesca, Peixe e Conhecimento), (\* tradução: “*coma, coma cumadre, caldo gostoso, coma*”)

## A COBRA GRANDE DO RIO CURIPI

Domingos Forte morava no Manga.

Seu primo de nome Constantino, se alembrou do Domingos e veio visitar. Soube que estava morando no Curipi e veio. Ele era pajé. Veio com a família e tudo. Pedro era sobrinho dele, era outro pajé. A mulher dele era cazuzza.

Chegaram no Encruzo e se informaram qual o braço do Curipi: “é o primeiro”. Então foram por lá. Abaixo do Miriti viram que tinha um braço com umas canoas paradas. Disse: “Pedro, vai lá dar uma olhada”. Pedro foi e viu que fazia uma ponta onde o pessoal deixava canoa, dos dois lados, ninguém podia passar.

Falou para Cazuzza: “abre meu pacará e me dá um cigarro”. Quando chegou no miriti, fez um remanso que quis puxar a canoa para o fundo. O Constantino jogou a ponta de cigarro e passou. Passaram a Sohda. Disse: “vamos parar que eu quero falar com esse branco”. Falou pra mulher “Cazuzza, faz janta que eu não vou jantar”. E falou pro Pedro: “quando eu for umas quatro horas você me espera no trapiche que cinco horas estou voltando”. Então desceu no trapiche mesmo e foi para o fundo.

A cobra não queria se dobrar pra ninguém e ele falou com ela: “ainda não foi dessa vez, mas vai ter que e dobrar”.

Ele voltou para o sobrinho umas cinco horas da manhã e disse que ainda não foi dessa vez.

Foram encontrar com o primo. Quando chegou com o primo foi grande alegria. Porque ninguém conseguia passar ali para chegar na casa do Domingos. Contou para o Domingos que conseguiu passar, mas que “se vocês quiserem vou ver se consigo dobrar a cobra”. Domingos falou que se ele conseguir é um favor.

Eles dormiram. No outro dia, ao meio dia, mandou fazer o cigarro dele e cantou – fez xitotó. Foi até a cobra – a cobra não se dobrava pra ninguém. Disse pra ela: “mas tu vai ter que se entregar”.

Dormiram. Na outra noite tornou a cantar, mandou furar os olhos dele e ele se entregou.

Diz que o rabo da cobra tá lá no poço do Miriti e a cabeça na cabeceira do Cajari. Dizem que é assim e eu estou pra acreditar porque no poço do Miriti sempre faz um remanso grande, mesmo quando a água está baixa faz remanso.

Aí ele conseguiu. (TASSINARI, 2003, p.212)

1. Catarine era nova e foram no Volocô (localidade próxima ao alto Curipi), Estava na popa da canoa e o Domingos estava na proa Era tio dela, cunhado, não sei. Quando olhou, ela não estava na popa. Não viu mais.

Chamaram esse pajé Sebastiao que cantou e disse que “ela ta aí, tá lá no Jooniz”. Falou prá amanhã tirar aquelas folhas de curauá e “faz três cordas para mim, uma bem grossa”. Foram. Esse tal de Domingos tirou o curauá e fez três cordas: um grosso, um médio e um menor. “Quando chegar lá no Jooniz, meio dia, todos os tres estão na praia de areia” – o pajé disse – “a maior cobra do lado do poço é marido, ela tá no meio, a do lado da terra é o cunhado”. O pajé disse: Não vão se assustar”.

Meio-dia foram lá e estavam todos três. Eles brigaram. Sebastião de vez em quando com o cigarro em cima dela. Depois pediu a corda mais grossa e começou a surrar ela até ela falar: “ô meu pai do céu, já chega”. O pajé falou: “ninguém demora a dar um chá prá ela porque ela está grávida de cobra, se puder matar a cobrinha, mata”. Aí deram chá e caiu a cobra, mas não mataram, foi embora.

Essa mulher ficou com duas machas pretas atravessadas em baixo do braço e nas costelas. Isso eu vi. Ela contou que não lembra o que fez, que quando se refletiu estava com um bicho no tal Jooniz. Diz ela que era uma cidade linda. Não dava vontade nem dela vir mais.

(TASSINARI, 2003, p.214)

FOTOS DA COLETA DAS ENTREVISTAS



(Foto Adely Renata: Entrevista Sr. Manoel Aniká)



(Foto Adely Renata: Entrevista com aluna Franciane)



(Foto Adely Renata: Entrevista com Professora Nara Aniká)



(Foto Suelen dos Santos: Entrevista com Sr. Manoel Floriano)



TERRA INDIGENA UAÇÁ – ALDEIA MANGA– OIAPOQUE

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que se fizerem necessários que autorizo a entrada da Professora da Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional do Oiapoque, LUCINÉIA ALVES DOS SANTOS, CPF: 259.666.478-01, RG: 24.152.436-02, e da acadêmica JAMILY MACIEL FEITOSA, CPF: 939.345.992-49, RG: 198236. Tendo como finalidade apresentarem para mim o cacique da Aldeia Manga, o projeto de Pesquisa de Conclusão de Curso, intitulado como “ AS NARRATIVAS ORAIS DOS KARIPUNA DA ALDEIA MANGA: DA COMUNIDADE PARA O AMBIENTE ESCOLAR” que será desenvolvido pelas acadêmicas BRUNA DOS SANTOS ALMEIDA indígena pertencentes a esta comunidade e JAMILY MACIEL FEITOSA, residente na cidade de Oiapoque.

Aldeia Manga, 07 de novembro de 2017.

Testemunho:

15/11/2017

Marivaldo Diogo Maciel  
Chefe DAS 101.1 CTI - Oiapoque - AP  
Portaria nº 290/PRES 16/04/2015

Lucinéia dos Santos  
Cacique da Aldeia Manga



**CONSELHO DE CACIQUES DOS POVOS INDÍGENAS DE OIAPOQUE – CCPIO**

Av. Veiga Cabral, 486 – Centro – CEP: 68980-000 / Oiapoque – Amapá – Brasil  
Fone: (96) 3521-2860/ 3521-2746

---

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA**

Eu Gilberto Iaparrá, Coordenador do Conselho de Caciques dos Povos Indígenas de Oiapoque – CCPIO, RG: 2215244, CPF: 433.134.422-34, autorizo as acadêmicas do Curso de Licenciatura em Letras Português/Francês, da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, Campus Binacional de Oiapoque, Sr.ª Bruna dos Santos Almeida, indígena da etnia Karipuna, residente na Aldeia Manga sob o RG: 182586, CPF: 944.890.092-91, nº de matrícula 201412280057, e a Sr.ª Jamily Maciel Feitosa, residente na cidade de Oiapoque, RG: 198236, CPF: 939.345.992-49, nº de matrícula 201412310035, sob a orientação da Prof. Me. Lucinéia Alves dos Santos, do Colegiado de Licenciatura em Letras Português/Francês, RG: 24.152.436-02, CPF: 259.666.478-01, a realizarem na Aldeia Manga, a Pesquisa de Conclusão de Curso intitulada **NARRATIVAS ORAIS DOS KARIPUNA DA ALDEIA MANGA: DA COMUNIDADE PARA O AMBIENTE ESCOLAR**, tendo como método de investigação pesquisa bibliográfica e entrevistas através de gravação e questionários. A pesquisa das acadêmicas tem como objetivo contribuir de forma significativa através da documentação das narrativas, como também buscar mecanismos para valorização das narrativas orais Karipuna na aldeia Manga.

Oiapoque, 19 de novembro de 2017.

**GILBERTO IAPARRÁ**

**COORDENADOR DO CCPIO**

[Giliaparra2015@gmail.com](mailto:Giliaparra2015@gmail.com)

## APÊNDICES

## APÊNDICE - A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CAMPUS BINACIONAL DO OIAPOQUE  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/FRANCÊS

### **PROJETO DE PESQUISA “NARRATIVAS ORAIS DOS KARIPUNA DA ALDEIA MANGA: DA COMUNIDADE PARA O AMBIENTE ESCOLAR”**

Dados do Pesquisador: Bruna dos Santos Almeida / Jamily Maciel Feitosa

#### QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

Nome: Edilena dos Santos

Data: (20/01/2018)

Idade: 48

Etnia: Galibi Marworno

Ocupação: professora de cultura indígena do ensino modular (SOMEI), ensino médio, artesã.

1. Você tem conhecimento de alguma história da Aldeia Manga ou dos Karipuna?  
Conte-nos um pouco sobre essa história.

R: Tenho , bom tem o turé dos pássaros que é dos Karipuna, onde narra a festa dos pássaros, todos os pássaros da terra indígena Uaçá, que é um mito que ocorreu no rio Oiapoque, na época que segundo os Karipuna finado Tangaha que contava essas história muito bem, ele contava que os povos indígenas em geral nunca foram só de um lugar, eles sempre saía de um lugar para outro, então eles percorriam todos os lugares, estado do Amapá, município de Oiapoque, até na Guiana Francesa iam e voltavam, tinha esse livres, pra andar onde quisessem, então cada lugar que eles passavam eles traziam um mito, uma história, um acontecimento, até as vezes é um fato verídico que ocorreu lá, ai como eles já vão pra outro lugar eles vão contando isso, passando isso de geração em geração, então ele contava que lá no alto rio Oiapoque determinado lugar, onde conta o mito que era várias pássaros, que eles eram pessoas igualmente a nós, então eles eram também indígenas, assim ele conta, eles faziam dança do turé, eles bebiam, então tinha todos essas aves, esses pássaros, que hoje tem

que são do campo, que vive na terra firme, na que vive mata , na beira dos lagos, dos rios, como a gente conhece, então eles fizeram uma festa pra se despedir, pra cada um escolher um lugar pra ir morar, ele diz assim que nem nós os povos indígenas da terra indígena Uaçá, que cada um foi pra um rio , foi habitar um rio, então assim eles eram, ai eles fizeram o turé dele dançaram, beberam era todos os pássaros que vive no oceano, os que vive nos lagos, dos rios, na mata , o mutum, papagaio, a arara, todos que a gente conhece, então eles fizeram o turé deles dançaram, beberam no último dia, assim como a gente faz nossos turé que tem toda aquelas regras lá dentro, todos se divide quem é o jandame que fica na entrada do laku, os que dão o caxixi, os que ficam rodeando lá, enfim que comanda a festa, assim mesmo, no último dia se despediram, que é um mito muito comprido conta tinha todos os pássaros da mata ro rio e cada um foi habita o rio fizeram um turé mutum, papagaio fizeram o turé dele beberaram tinha todos , no último dia se despediram é um mito muito comprido, se despediram ai cada um perguntando fulano tu quer ir pra onde morar? Ai um dizia eu vou pra tal lugar, e o outro vou lá pra montanhas, eu vou lá para os miritis porque lá tem comida, a alimentação que é de acordo com cada um deles, assim eles foram se despediram, outro não eu vou para o oceano, aí fizeram a festa, ultimo se encerraram e foram embora. Então ele conta que esse mito, não é um mito que ocorre entre os povos indígenas daqui, ele não vem só por divertimento, diversão de contar, contou por contar, rir acabou ,não, eles traz todo assim uma questão social é de se pensar como é que a gente vive naquele lugar, ele traz a reflexão sobre o espaço onde nós mesmos seres humanos indígena vive no nosso lugar, então isso que a escola trabalhar, ele vai contar, os contadores de história, pessoas mais velhas contam, ocorre nas roças, ocorre nos mutirão, nos velório, então em vários momentos eles contam o que fala de história que são os mitos, uma pessoa ele só consegue elencar todos os personagens pra contar história, ai o que que a escola trabalha, a escola vai trabalha exatamente como eles contam, o modo de contar história dos mais velhos, e o que que há por traz dessa história o que que ele traz a escola vai trabalhar isso, a literatura que a gente chama de literatura indígena, que que há por traz, porque contar uma história, a história não é simplesmente, ele vai falar do espaço territorial, tipo essa e a cobra grande é outro mito que vem trabalhar o espaço territorial dos Karipuna como foi que ocorreu essa grande batalha, essa grande discussão pra eles habitarem esse espaço, então, a história narra tudo isso ai, a escola precisa mostrar a que ocorreu. Então a escola precisa trabalhar e mostrar para os alunos, olha na nossa história o nosso mito está falando disso, mas a escola vai trabalhar o que há por traz disso, porque contar uma história, não é simplesmente, então vai trabalhar personagens quem são os personagens, ai está lá

várias aves que se despediram que cada uma foi morar no seu território, onde acha que tem alimento, por isso que hoje está tudo assim, não tinha escrito mas hoje a gente já passou a escrever esses mitos, pra trabalhar na escola, e a escola uma escola indígena vai trabalhar tudo isso ai, então envolve dentro do mito a gente vai trabalhar dentro do mito nós vamos trabalhar história em si, cultura indígena, matemática, geografia que é espaço principal que narra, a literatura indígena, literatura em si, língua portuguesa, língua indígena, então vai se dividindo mostrando como a história o mito a gente vai envolver todas as áreas do conhecimento que se trabalha dentro de uma escola indígena, tanto na escrita quando na arte, na pratica, que são as brincadeiras envolve, as música que foi cantada na despedida deles, então nós temos tudo isso ai, é uma área muito rica pra ser explorada.

2. Desde quando você conhece essa História? Quem lhe contou?

Desde quando eu me entendi, porque meu pai ele é Karipuna, então ele contava sempre, a gente é de duas etnias, minha mãe é Galibi Marworno e meu pai é Karipuna, então meu pai sempre colocou a cultura dele pra nós, apesar da gente não morar na área Karipuna ele sempre trouxe a língua Kheul Karipuna e a língua Kheul Galibi falado pela etnia onde a gente foi criado, e ai ele sempre contava sempre essas histórias, contava os mitos a noite como a gente não tinha televisão, energia 24 horas a gente tinha muito tempo para ouvir, tanto ele como minha mãe repassaram muita coisa importante sobre a cultura, a vida, história, festa, a gente foi aprendendo, quando eu vim morar pra cá já sabia de muitas coisas, como era na área Karipuna, ele falava muito sobre o Espirito Santo, então é como se a gente vivesse esses momentos aqui.

3. Qual a importância dessas histórias para você? Para a sua vida?

R: É um momento muito bom, porque eu consegui aprender muitas coisas e repassar, é uma fonte, de onde buscava tudo isso pra minha formação, ali que aprendi muitas coisas da valorização da cultura, da língua, a diferença de cultura essa diversidade cultural muito grande que existe, então aquilo só foi ampliar meu conhecimento dentro disso tanto a minha cultura Galibi Marworno quanto a minha cultura Karipuna que é do meu pai.

4. Você utiliza essas histórias nas suas aulas? De que forma?

R: E muito e mesmo, porque quando vou trabalhar a disciplina cultura indígena, então essa diversidade cultural grande existente é no mundo, eu aproveito muito disso pra falar o que é uma diversidade, quando eu trabalho assunto terra indígena, espaço, então eu faço tudo isso ai, e mesmo o autor da história relatava assim que essa história veio mostrar que entre

três povos que habitam os Karipuna, os Galibi Marworno e os Palikur a terra indígena Uaçá, da forma que se deu cada um foi pra um rio, como até o dia de hoje, que cada um cuida do rio, e que justamente igual aos pássaros que escolheram seu lugar, outros foram muito longe, longe, longe, nas montanhas, porque que eles foram tão longe? É o caso dos Galibi Marworno que foram longe para cuidar da terra deles cada um no seu lugar. Tem muito a mostra pro nossos alunos a importância de cada desses povos cuidar desses devidos lugar, e hoje está se expandindo, vai pra mas longe, Br, então a gente utiliza ainda mostra como é que se faz tudo isso aí, e outras ações que vem abordando em relação a isso.

5 Você acha que é importante trabalhar com as narrativas dos Karipuna dentro do ambiente escolar?

R: Muito importante, muito bom mesmo, porque é uma dinâmica na sala de aula, de que tu pegar e trabalhar só a escrita, escrita, escrita, fica mais difícil, então são coisas que o aluno aprende muito, participa muito, devido você mostrar a realidade de hoje, que está acontecendo hoje, e que os mais velhos trouxeram que também são aulas importantes, que vai trazendo lá de traz pra frente tudo aquilo que já ocorreu, ligado aos mitos que nós estamos vendo, que disse assim que chega ao determinado momento que eles se despediram e falaram que eles não iriam se encontrar muito cedo mas que cada um tinha que cuidar do seu lugar, cuidar porque ia aumentar muito uma grande quantidade de pássaros, então o lugar tinha que está preparado, porque ele fala justamente se tu não cuidar da natureza a população indígena aumenta e não vai ter toda grande quantidade de alimentação pra gente, pra essa população, então precisa que cuide daquele lugar da natureza, ajudar é exatamente isso que a gente vê hoje, que tem que ajudar a natureza. Ai eu pego essa parte e vou mostrar pra eles que só a natureza ela não vai se encarregar de cuidar, de fornecer, toda essa alimentação pra gente porque a gente está aumentando, a população aumenta e vai construindo a aldeia, construindo a aldeia e aonde vai os alimentos, as caças, as frutas, então, já nos temos que ajudar plantar, replantar novamente aquilo que a gente já tirou, então eu faço assim eu ligo o conhecimento de hoje e o da tradição, a cultura, que é através dos mitos mostrando o espaço, desenhando, apresentação com, na parte de artes com desenho, com música, enfim ,que se torna uma aula bem dinâmica que a gente consegue fazer isso, e mostrar e construção de material em cima disso.

6. Como essas narrativas podem acrescentar na vida dos alunos?

R: Mostrando que essas transformações, que as narrativas vêm mostrar um tempo que já passou, um tempo que viveu uma geração e mostra a geração de hoje o que já está

acontecendo por exemplo quando ocorreu o mito da cobra grande do rio Curipi ele estava mostrando uma geração, a ocupação de uma geração da etnia Karipuna e tinha toda uma manifestação tanto pelos indígenas quanto pelo espaço invisível que é da cobra grande. E a gente percebe que naquela época que conta a história o rio não era assim era um rio, mas fundo, rio mais cheio de arvore, hoje não a gente está vendo a grande quantidade de transporte já mudou o rio ficou raso as coisas foram acontecendo e aí está sendo, o rio está ficando mais raso e pergunto pra eles porquê? Porque a população aumentou a gente tem vários transportes que é o motor, barco, e a água está o tempo todo agitado trazendo mais terra da beira, vai fechado eu falo para eles a gente diz, no nosso pensamento como aluno, a gente acha que nunca vai secar o rio, não seca, mas seca porque a gente transforma isso, então, mostra essa geração passada e geração de hoje o que acontece naquele pedaço.

7. Você lembra como eram ensinadas essas narrativas pelos professores quando você estudou? E como são ensinadas hoje?

R: Quando eu estudei de início, não existia isso, a gente via muita coisa de fora, nosso estudo era baseado no contexto de fora, não era um estudo que se mostrava muito o conhecimento indígena não, a gente aprendeu muita coisa, assim se formando pelo ensino modular, mas essa parte maior a gente viu já quando a gente começou a estudar pra formação professor que é pelo CIMI, então a gente começou a abordar essa questão pelo CIMI, ai foi que esse senhor que já é falecido, contador, autor do mito, que contava pra gente vários, vários mitos, não só esse mais outros, então ele contava e tem muita coisa que a gente ouve um mito, contado de animais, pássaros, peixes que tem uma ligação muito forte com a nossa vida hoje, o outro mito que ele contava sobre os pássaros, os pássaros mais, que ele dizia assim, mais preguiçoso, do casamento de homem e mulher que se escolhia, então uma coisa é simples mas por traz disso a gente tem um estudo muito grande, pra quem estuda isso e trabalhar na escola a gente vê que isso aqui é um espaço muito grande pra ser estudado, que não é só no ensino médio não acaba no ensino médio, ele vai mais além disso ai. Hoje nós temos narrativas para criança, uma narrativa dessa que foi contada que é das aves, sempre falo turé das aves, vai trabalhar com criança são as cores, desenhos, que já é feito pelo professor, desenhado o aluno vai pintar, o aluno vai ouvir a história contada pelo professor, mas quem era o urubu? Ele se reconhece através do desenho, aqui o urubu sou eu aqui o meu desenho, então ele vai mostrando tudo isso aí na parte de artes, aprender a escrever o nome dos pássaros, tá lá no desenho, assim vai ser ensinado, as músicas, brincadeiras que tem, até se estende no ensino médio, para trabalhar textos, fazer mais reflexão, mais puxado pra refletir



sobre a vida social, as reuniões que ocorrem, tudo isso ele vai ligando. A gente já vinha trabalhando isso desde quando foi implantado educação escolar indígena, mas antes disso era educação escolar acabou, então não tinha esse tipo de aula, esse modelo de escola, e não era indígena que trabalhava, era não indígena, então não era possível trabalhar porque eles não conheciam, se sabia mas não queria saber disso na sala de aula, mas hoje não, a partir de quando foi implantado educação escolar indígena, trabalhar uma escola para indígena e indígena ministrando as aulas mudou...

8. Você acha que os avanços tecnológicos estão interferindo nos ensinamentos dessas narrativas orais na comunidade? De que forma?

R: Interfere e muito, porque quando a gente dá aula, que a gente faz esses questionamento, na escola pergunta para os alunos, a não eu meu pai não conta porque ele não tempo, ele tá assistindo novela, vai olhar jornal, vai ouvir música, vem pra internet, eu não tenho mais esse momento, eu não sei, eu venho ouvir na escola, porque meu pai não conta mais, e o aluno também não vai sentir muito motivado pra contar essas histórias, porque ele também já vem pra internet, então a gente tem que falar também da internet, da tecnologia para eles, da tecnologia ela vem para contribuir, mas você tem que saber quando, momento para ser utilizados na tua vida, infelizmente as pessoas não veem como mais poder as força e aí a escola tem que lutar muito.

Bruna: Você acha que essa tradição oral pode se perder?

Edilena: Em momento sim, dependendo de como a comunidade vai estar, o que ela pensa, é como eu coloquei nós temos várias fases que são as gerações, dependendo de como a geração de hoje que são os pais, para ir repassando como é que a sociedade, a política aqui dentro está contribuindo, porque a gente está em uma luta muito grande, que nas reuniões a gente fala muito dos jovens, sobre o que está ocorrendo, ...conheço muitos lugares Açaizal, Santa Isabel, Espirito Santo, Manga, porque eu trabalho em todas essas escolas, e eu conheço final de semana deles, lazer deles, eu conheço tudinho, o que que eles fazem, então tem esses lugares que não tem energia 24 horas, internet, o momento de lazer deles é diferente, é futebol, competições de arco e flecha, porque eu ajudo, eu vou lá depois a gente organiza, a gente vai para o campo eles tem esse lazer deles, é diferente daqui, aqui tu marca, a não professora eu tô cansado deixa para outro dia, esse cansaço deles é para se envolver na internet, então eu falo muito que internet tem várias portas, várias janelas tu clicou aqui, abriu esse aqui, mas tu tem outro aqui, dependendo do teu interesse até nas piores você entra, aí eu falo pra eles, o que que vocês querem, ensina coisas muito ruim, se a pessoa não tiver a mãe e

o pai não tá ali do lado olha tu vai sim mas daqui a pouco a gente vai trabalhar, da ocupação, pra criança ou jovem, mas não é isso que acontece.

9. Você teria alguma sugestão para revitalizar as narrativas orais na comunidade?

R: Ah projetos que a escola deveria fazer oficinas, quem poder falar de tudo isso somos nós mesmo divulgar, fazer projetos, tem pessoas que são muito bons em arte literatura, agora tem grupo de jovens, ter esses momentos de trabalhar e noite cultural. Mas precisa que os próprios professores indígenas queiram também que gostem de fazer isso., chamar a comunidade eu penso dessa forma.

## APÊNDICE - B

Entrevistado:

Data: 20/01/2018

Nome Gelson Pastana Maciel

Idade: 35 anos Etnia: Galibi Marworno, reside há 15 anos na aldeia Manga

Ocupação: Professor e Secretário da Escola Jorge Iaparrá

1. Você tem conhecimento de alguma história da Aldeia Manga ou dos Karipuna? Conte-nos um pouco sobre essa história.

R: Conheço algumas, eu posso contar um trecho de uma que é bem conhecido daqui do Manga, aliás tem duas que são bastante conhecidas uma é a origem das marcas indígenas, foi uma história narrada pela professora Edilena que também é Karipuna mas Karipuna do que Galibi Marworno, então essa é uma história Karipuna, Pergunta Bruna: Não é Galibi Marworno essa história? Gelson: Não, na verdade eu...Bruna: eu considero uma história Galibi Marworno, porque é uma história que foi ela que contou e ela se identifica como Galibi Marworno. Gelson: Tá tenho um outro, tem uma bem conhecida, tu sabes, deve conhecer, da cobra grande a mulher que virou cobra. É uma daui da região do rio Curipi. Bem uma história muito longa, que cada vez que alguém conta ela vai se modificando, no decorrer dos pontos, mas a história permanece. O trecho que eu conheço diz assim, um casal uma família vivia aqui nessa região e tinha esse trajeto aqui no rio de ir para sua roça e voltar para sua comunidade o dia a dia, convivência do dia a dia, até que certo dia a mulher estava menstruada, e como a gente sabe na cultura indígena a mulher menstruada não pode navegar no rio, nos igarapés, tem toda uma questão cultural que a gente acredita. Por ela está menstruada ela não poderia ir ao rio neste dia, e ela foi, e ela foi encantada caiu na água e se afundou, a história diz que ela sumiu no fundo da água e o marido dela não viu ela depois de muitos anos ela foi transformada, é uma história muito longa que inclusive tem registro, pela professora Sonia ela tem um trabalho de um livro que ela fez.

2. Desde quando você conhece essa História? Quem lhe contou?

R: Então essa é uma história que eu passei a ter conhecimento, a partir do momento que eu passei a trabalhar aqui. A escola que vi que trabalha muito com essas histórias é a escola daqui do Manga. Justamente através dos professores.

3. Qual a importância dessas histórias para você? Para a sua vida?

R: olha eu sou uma pessoa é militante que defende muito a questão cultural, como professor também, eu acho muito importante, porque hoje a gente, nós indígena estamos deixando muito a defasagem tomar conta da nossa vida cultural e ela é importante para justamente para, uma forma da gente manter viva a memória, porque isso aí só é memória do que os nossos antepassados e ancestrais deixaram.

4. Você utiliza essas histórias nas suas aulas? De que forma?

R: Bastante, eu quando trabalhava principalmente com o ensino infantil, usava bastante essas historinhas com as crianças, sempre trabalhei com figuras, desenhos, produção de texto criado por mim, além dessas história Karipuna também outras histórias de outras etnias, também sempre trabalhei com livros que a gente tem livros que tem alguns relatos não totalmente a história mas alguns trechos que serviu bastante para mi trabalhar, escrita, leitura, já trabalhei com as história em quadrinhos, produção de história, fazendo com que eles criassem outras histórias baseado nas histórias que eles já conhecem, produção textual.

5. Você acha que é importante trabalhar com as narrativas dos Karipuna dentro do ambiente escolar?

R: Com certeza, é muito importante porque, além de trazer um conhecimento rico para a vida do aluno indígena, para vida de nós profissionais da educação, além de ser importante para o desenvolvimento conhecimento cultural que a gente tem, é uma forma de manter vivo aquilo que está se perdendo, porque a gente está vendo, como hoje a nossa cultura ela está se defasando cada vez mais, então se a gente não trabalhar daqui com um tempo elas não vão existir principalmente se a gente não fazer registro, dessas histórias.

6. Como essas narrativas podem acrescentar na vida dos alunos?

7. Você lembra como eram ensinadas essas narrativas pelos professores quando você estudou? E como são ensinadas hoje?

R: Na época que eu estudava infelizmente a gente não estudava essas narrativas, o que a gente estudava era coisas de fora, porque na época não tinha a disciplina que valorizava essas histórias, não tinha a disciplina cultura indígena, que é uma das disciplinas que hoje eu considero muitíssima importante para manter a cultura, na época que eu estudava não tinha isso, não estudei com professor indígena, professor não indígena não ensinavam porque não tinham esse conhecimento.

Bruna: E como são ensinadas hoje essas narrativas?

Gelson: Através da disciplina cultura indígena, disciplina história, hoje os professores fazem o possível para trabalhar essas questões até porque hoje tem a universidade que

incentiva a gente, os já passaram pela universidade intercultural que é justamente pra gente ter uma forma de manter a cultura de trabalhar tudo o que tem na nossa cultura, claro não descartando os outros conhecimentos, que a gente sabe que é importante também.

8. Você acha que os avanços tecnológicos estão interferindo nos ensinamentos dessas narrativas orais na comunidade? De que forma?

R: Eu não só acho como eu tenho certeza, a gente sente isso como eu falei agora pouco, que antigamente quando não tinha essas tecnologias, principalmente aqui no Manga, as pessoas passavam a ter mais é aquela vontade de ter aquele interesse, em conhecer a própria cultura e valorizar, mais hoje a escola está fazendo o possível par resgatar tudo isso trabalhando em sala de aula com os alunos a questão cultural tanto é nós temos aqui na escola o evento da semana cultural. Onde a gente procura trabalhar tudo sobre a questão cultural. A tecnologia ela tem, a gente não descarta a importância que ela tem para gente porque a gente precisa da tecnologia, mas ao mesmo tempo ela está um pouco atrapalhando no bom sentido, porque os alunos querem outras coisas acessar outros conhecimentos, aquilo que a gente sempre fala nas reuniões, quando a gente convida por exemplo um aluno para dançar o turé, só fugindo um pouquinho do que vocês querem, os alunos não querem isso, eles querem aprender outros ritmos aquilo que eles verem na televisão na internet, então isso é uma forma da tecnologia tipo interferir no aprendizado do aluno.

Bruna: Tu achas que essa tradição oral pode se perder?

Gelson: o que percebo é que já está se perdendo, está se perdendo é o que eu disse a escola está fazendo o pape dela. Mas o que a gente sente é que a própria comunidade indígena ela não valoriza, tipo assim deixa a responsabilidade para a escola, a meu filho está na escola é o papel do professor ensinar, fazer ele aprender a falar a língua o próprio pai a mãe não incentiva, a gente percebe isso, sente isso, vê isso no nosso dia a dia, só estuda a língua a cultura na escola, fora disso ele não quer saber.

9. Você teria alguma sugestão para revitalizar as narrativas orais na comunidade?

R: Existe várias formas da gente buscar, por exemplo o próprio registro, aquilo que eu disse além de ter a disciplina que é uma forma da gente resgatar, trabalhar questão cultural, historias, se a gente não fizer o registro, não trabalhar com registro provavelmente daqui uns anos pode demorar um pouco, mas daqui uns anos vai acabar com isso de não ter o registro. Uma das formas eu acredito que o registro, fotos, arquivo, produção de livros, isso é uma forma de manter firme.

## APÊNDICE - C

Entrevistado:

Data: (21/01/2018)

Nome: Keila dos Santos

Idade: 40 anos Etnia: Karipuna

Ocupação: Professora do Ensino Fundamental II

1. Você tem conhecimento de alguma história da Aldeia Manga ou dos Karipuna? Conte-nos um pouco sobre essa história.

R: Sim, tem a história da Maria Antônia. porque do Jonize quando ela foi encantada ela, foi pega ´no Jonize, ela foi encantada na Maria Antônia ali embaixo eles pegaram ela, lá no Jonize, lá em cima, o pajé foi fazer o remédio, já foi se pega lá.

2. Desde quando você conhece essa História? Quem lhe contou?

R: Desde quando era pequena, não lembro.

3. Qual a importância dessas histórias para você? Para a sua vida?

R: Eu vejo assim, que nossas histórias indígenas elas são muito importante para contar nossa história de vida, surgimento do nosso povo, sobre os nossos antepassados como foi que surgiu, eu vejo assim que faz parte mesmo da nossa história Karipuna, todo povo tem que ter uma história, faz parte das nossas raízes eu vejo como, tipo uma explicação, pra hoje em dia. Acho muito importante pra mim, para meus alunos, eu trabalho bastante sobre essas histórias, trabalho textos.

4. Você utiliza essas histórias nas suas aulas? De que forma?

R: Utilizo através de texto narrativo, diálogo, até teatro eles já apresentaram, trabalhei artes.

5. Você acha que é importante trabalhar com as narrativas dos Karipuna dentro do ambiente escolar?

R: Acho muito importante porque assim, eu vejo que é uma forma da gente valorizar o nosso conhecimento indígena daqui, nós professores se a gente não trabalhar nossas histórias, eu acho que a gente vai está trabalhando como os não índios sem conhecer a nossa história daqui, isso não vai ter nenhuma diferença do não índio dá uma aula aqui, porque ele pode vim dar uma aula aqui e ir embora, e nós não, nós sendo indígenas a gente conhece nossa história, a gente já tem uma outra forma de trabalho, outra forma de ver e valorizar o nosso

conhecimento que vem através dos mais antigos que são contados através de nossas histórias. Eu acho que é isso que nos diferencia.

6. Como essas narrativas podem acrescentar na vida dos alunos?

R: Eu acho que é na parte de valorizar os conhecimentos indígenas, tem alunos que hoje em dia que eles nascem, e muitos deles por exemplo desse jovens, filhos das pessoas mais jovens, não sabem, nós já estamos perdendo esse costume de contar histórias, até na minha época eu lembro que minha mãe contava, mas quem mesmo nos contava muita história era minha avó, que ela ainda tinha aquela tradição de toda a tarde sentar e contar história, toda tarde antes da gente dormir, quando ela vinha debaixo eu lembro que ela contava, e hoje com a energia, com todas essas mudanças que houve, hoje já não tem mais isso e se a gente não trabalhar na escola isso ai cada vez vai se perdendo, os jovens vão nascendo, as crianças vão nascendo e se a gente não trabalhar na escola, e os pais não forem uma pessoa para repassar esse conhecimento, ele acaba crescendo, daqui com um tempo vai sendo esquecido, e se perdendo. Fazer o aluno mesmo se o pai não conhece a história, mas através das atividades escolares, os trabalhos de pesquisas vai se interessar em procurar, se o pai não sabe eles vai procurar alguém mais velho, ou então o próprio avô ou Avó, alguém da família que saiba contar.

7. Você lembra como eram ensinadas essas narrativas pelos professores quando você estudou? E como são ensinadas hoje?

R: Não até porque eu estudei com os professores não indígenas, aí eles não trabalhavam até onde eu lembro. Depende de que serie a gente trabalha, tem através da Contação que é aparte oral, tem a parte escrita, através de pesquisa, trabalha um texto, muita das vezes a gente pode trabalhas qualquer tipo de texto, a gente pode trabalhar as nossas próprias narrativas daqui de dentro. Trabalha ensino infantil, fundamental e médio trabalham essas histórias.

8. Você acha que os avanços tecnológicos estão interferindo nos ensinamentos dessas narrativas orais na comunidade? De que forma?

R: Eu acho que a gente tem que saber usar. A tradição oral ela pode se perder porque eu vejo que são poucos que contam essa parte oral, são poucos pais, mas eu posso tirar pela minha família mesmo, porque hoje em dia a gente não vê, contação de história, pai contando história, as vezes a gente tem o momento de falar, eu vejo na casa da mamãe, ainda tem o momento que ela vai contar, é espontaneamente, ela começa a contar.

Bruna: Em que momentos eram contadas essas histórias?

Keila: Nos convidados (mutirão horário de meio dia), à noite.

9. Você teria alguma sugestão para revitalizar as narrativas orais na comunidade?

R: Só a escola fazendo um bom trabalho, nas reuniões conversando, os pais incentivando a nossa língua.



## APÊNDICE - D

Entrevistado:

Data: (17/01/2018)

Nome: DIEIMISON SFAIR DOS SANTOS

Idade: 29 ANOS Etnia: Karipuna

Ocupação: PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL II E MEDIO

1. Você tem conhecimento de alguma história da Aldeia Manga ou dos Karipuna? Conte-nos um pouco sobre essa história.

Algumas histórias que eu já ouvir falar sobre os Karipuna, tenho sim. Eu conheço do rio, da cobra do Jonize, é uma história bem conhecida aqui, que aconteceu no rio Curipi, aconteceu há muitos tempos atrás no rio Curipi, se trata da história de uma cobra que ficava localizada no rio acima, rio Curipi, a cobra chamava-se Jonize que é a cobra femia, aconteceu que um casal foi mariscar, atrás de peixe, caçar, rio acima, como a mulher estava no período fértil, menstruada, e ela estava pilotando, e chegou em determinado ponto do rio, quando o homem percebeu, olhou para trás ela não encontrou mas a mulher não viu ela mais, atrás da canoa, ela tinha sumido, tinha caído na água daí ele ficou muito preocupado, ele voltou e procurou um pajé, num local conhecido como Bastion, que é o nome desse senhor, que é o nome do pajé que morava naquele local, que até hoje existe este local, e ele perguntou para ele, e ele contou para ele o que tinha acontecido, daí ele foi ver, dormiu sonhou e viu que era uma cobra que tinha encantado a mulher e levado ela para o fundo das águas, e aí o homem perguntou para ele o que ele deveria fazer, e ele indicou, mandou tirar um cipó, e voltar no local onde é conhecido como Jonize, e indicou para ele como fazer, tinha que ficar lá ao meio dia vigiando lá o local e ia ter em cima das areias três cobras e a cobra do meio seria a mulher que já estava transformada em cobra, e ele tinha que dar uma surra na mulher, e ele fez assim, foi esperou e quando viu a cobra ele deu uma surra nela, a cobra se transformou em mulher, mas como ela já tinha passado dias no fundo da água, ela já tinha umas pintas na costa dela, e daí ele trouxe o pajé fez todo processo para tentar trazer a mulher de volta a esse mundo, só que como ela já tinha passado um tempo ela se transformou em cobra e veio falecer.

2. Desde quando você conhece essa História? Quem lhe contou?

R: Essa história eu já conheço a muito tempo, desde quando eu comecei a estudar no pré, bilingue um tempo já, quando comecei a vida escolar, eu escutava os professores contando para gente, mas alguns velhos aqui da aldeia contavam pra mim.

3. Qual a importância dessas histórias para você? Para a sua vida?

R: Essas histórias assim eu como indígena acho super importante porque apesar de ser uma história que ocorreu há muito tempo atrás mas ela é muito importante pra mim, como indígena, como professor porque hoje ela vem trazer muitos significados na nossa vida, no nosso contexto, porque traz muitas informações, traz muitas regras da nossa vida, então isso a gente vai tentar levar para as futuras gerações para que as pessoas passem a respeitar a própria natureza, o convívio com os animais, o respeito com ao meio ambiente e com os seres sobre naturais .

4. Você utiliza essas histórias nas suas aulas? De que forma?

R: Com certeza, como eu trabalho com a disciplina de artes eu trabalho muito a questão do teatro, no teatro tem a parte de construir histórias, eu já trago uma história pronta para os alunos, as vezes os próprios alunos constroem histórias que eles já conhecem e a partir daí eles vão buscando e pesquisando mais, e discutir em sala de aula o significado para eles e para nossa vida da escola.

5. Você acha que é importante trabalhar com as narrativas dos Karipuna dentro do ambiente escolar?

R: Eu acho superimportante porque isso é um material assim que a gente deve levar adiante, um dos bens materiais que a gente tem e deve estar sempre valorizando cada vez mais dentro da escola, e para o próprio aluno conhecer sua identidade.

6. Como essas narrativas podem acrescentar na vida dos alunos?

R: Sempre trazendo mais informações para eles, para eles conhecer o passado deles o convívio com o passado e levar adiante conhecer coisas novas através disso.

7. Você lembra como eram ensinadas essas narrativas pelos professores quando você estudou? E como são ensinadas hoje?

R: Quando eu estudei eles normalmente tiravam um tempo, as vezes no final da aula eles reuniam com os alunos, faziam uma roda com os alunos e começavam a contar histórias para os alunos, cada dia as vezes eles contavam uma história, mas era raro não era muito frequente, reunia em círculo e contava uma história, ou um canto, alguma coisa, alguma narrativa, relacionada a aldeia, no ensino Bilíngue , pré escolar, só nesse momento. Essas narrativas hoje elas são ensinadas, mais a questão de pesquisa que os professores passam para os alunos pesquisarem em casa, essa relação de levar o trabalho para casa e pergunta para os pais e traz para a escola e vai socializar com a turma de alguma maneira. Tem algumas disciplinas específicas como língua materna e cultura indígena, língua portuguesa.

8. Você acha que os avanços tecnológicos estão interferindo nos ensinamentos dessas narrativas orais na comunidade? De que forma?

R: Sim, assim aquele jeito puro de ensinar e de contar e de ouvir, dos pais ou dos próprios alunos como era contada antes hoje em dia é muito diferente, os alunos querem mais ouvir gravações, filmagens, outras questões que são mais práticas do que uma coisa mais natural, mais pura.

9. Você teria alguma sugestão para revitalizar as narrativas orais na comunidade?

R: Bom a sugestão é usar dessas tecnologias que nós temos. Para que os alunos tenham mais acesso, já que a gente está acompanhando toda essa evolução, transformação tecnológicas, usar dessas ferramentas muito boas hoje para tentar, gravar os mais velhos, tentar reconstruir essas narrativas [...].

Bruna: tu acredita que essas narrativas podem se perder um dia?)

Dieimison: Sim, algumas, se elas não forem contadas e se as pessoas não derem valor, valorizar elas, e deixarem de contar, deixar de passar do jeito que elas são de fato, elas vão se perdendo, a essência vai se perdendo, elas podem até ser contadas nas futuras gerações mais elas vão ser diferentes vão sendo modificadas.

## APÊNDICE - E

### QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS (9 -18)

Entrevistado

Data (15/01/2018)

Nome: Taiana Santos Silva

Idade: 15 anos

Nome dos Pais: Idelvita dos Santos e José Reginaldo Silva

Etnia: Karipuna

1. Você tem conhecimento de alguma história da Aldeia Manga ou dos Karipuna?

Conte-nos um pouco sobre essas histórias

R: Tenho de uma mulher, que aconteceu mesmo né. É de uma mulher chamada Francinéia que, no tempo que ela tava de parto, ela não deixou ficar recente o parto dela, daí, bem aqui tinha um igarapé, foi aqui no igarapé, então nesse tempo ela foi lavar roupa, só que o sangue dela ainda tava coisando ai, tava sujo ainda das roupas, então nesse tempo ela lavou as roupas e foi pra casa, quando deu a noite já, o marido dela tava pescando, ele chegou na casa e pediu dela se ela tava bem né, só que ela falou que ela tava com umas dores de cabeça, sentindo ruim, e ela falou que não estava bem e ia dormir, pois então ela deitou na cama e dormiu, quando deu as meia noite, já o, isso acho que tava perturbando ela alguma coisa ne, então ela começou chorar, daí o marido dela já tinha saído de novo pra pescar, então nisso ela saiu dormindo, acordo e veio embora nesse igarapé aqui, e parece que ela tava sendo encantada pelo uma cobra, tinha encantado ela, daí foi, daí o marido dela chegou em casa, quando eles foram pra dormir, ela não estava mais junto com ele, então ele começou a ficar preocupado, daí, parece que ele veio nesse igarapé ai atrás dela e não encontrou, daí foi de manhã eles vieram chamar aqui a família, a mamãe lá, os avós dele, os pais, e levaram lá, só que ela não ficava, ela ficava cabeça baixa na mesa e começava a chorar, só chorar, ela falou que ela viu um, uma cobra e ela mergulhou no igarapé, quando ela mergulhou ela não via mais nada, ela só enxergava uma coisa bonita, um lugar muito bonito, só isso, depois eles chamaram o pajé, começaram a fazer banho pra ela, que ele passou banho, e nisso ficou, ela ficou tomando uns banhos, daí foi melhorando, assim.

2. Desde quando você conhece essa História? Quem lhe contou?

R: Faz tempo já, foi minha mãe.

3. Qual a importância dessas histórias para você? Para a sua vida?

R: É importante porque eu fiquei sabendo né, qui não é só mito, como eles falam e como aconteceu com essa mulher também, por isso que eu acho importante.

4. Você acha importante que seus professores contem essas histórias para os alunos?  
Porquê?

R: Sim, porque muitas pessoas acreditam e muitas não, dai, com isso, eles ficam sabendo né, que é verdade.

5. Onde e quando vocês contam as histórias (as narrativas orais)?

Na escola, em casa e quando a gente vai pro Kahbê também, a gente fica comentando.

6. Você tem curiosidade em saber sobre essas histórias?

R: Hunrum.

7. Antigamente as pessoas contavam mais histórias? Como elas contavam?

R: É. Elas contavam na casa, na hora da comida, do almoço, da janta, a noite antes de dormir, contavam em Patuá.

8. Havia mais respeito com os seres sobrenaturais? Por quê?

R: Acho que sim. Porque não tinha energia eu acho, eles comentavam mais, e acontecia mais coisas também, eles passavam a ver, da sinais nas coisas e outras coisas que acontecia assim.

9. Você estuda? Os professores ensinam essas narrativas na escola? Quando você estudou os professores ensinavam as histórias do povo Karipuna para vocês?

R: Hunrum. Nas disciplinas de História e língua materna e cultura indígena também.

10. Você acha que os avanços tecnológicos estão interferindo nos ensinamentos das narrativas orais na comunidade? De que forma?

R: Eu acho, mas tem alguns não, quando é pra trabalho a gente procura saber com os mais velhos.

11. Você acha que essa tradição oral pode se perder? Por quê?

Acho que sim, porque eles não conversam mais como antes, eles não ficam reunidos, e mais coisa de internet, é aniversário, mais na escola mesmo.

12. Você teria alguma sugestão para revitalizar as narrativas orais na comunidade?

Se a gente se juntasse né, com os professores, ou um tempo de lazer né, se a gente passeasse por exemplo, ou a noite também podia ser até depois do cinema, como aquela irmã também, juntava a gente e a gente sempre contava depois com as meninas, quando a gente fica a noite, quando não tinha nada pra fazer.

## APÊNDICE - F

Entrevistado 2

Data (15/01/2018)

Nome: Edu dos Santos Aniká

Idade: 18

Etnia: Karipuna

Nome dos Pais: Vicente Aniká e Alciliadora Iaparrá dos Santos

Ocupação: Estudante 1º ano do Ensino médio

1. Você tem conhecimento de alguma história da Aldeia Manga ou dos Karipuna?  
Conte-nos um pouco sobre essas histórias

R: Tenho. Tá, vou contar o que eu sei. Da pedra né, que fica às margens do rio Curipí, que é uma pedra que fica logo na frente lá, que nessa pedra aí, eles contavam né, que debaixo dela tem um grande buraco, e esse buraco leva até o centro comunitário o Casarão, que eles falaram que debaixo do Casarão existe vários filhotes de cobra, é isso.

1. Desde quando você conhece essa História? Quem lhe contou?

R: É, sempre as pessoas, as pessoas velhas vêm contando atrás, e também até sala de aula também, as pessoas, nossos colegas falando assim.

2. Qual a importância dessas histórias para você? Para a sua vida?

R: É importante porque, nós possamos saber né, que aconteceu no passado, que nossos antepassados contavam também, das histórias que hoje né, a gente conhece e faz parte também nossa cultura.

3. Você acha importante que seus professores contem essas histórias para os alunos?  
Porquê?

R: Sim é, por causa como eu falei ainda, é nossa cultura, então a gente devemos saber e aprender né, sobre nossa cultura e também nunca deixar, como é? a gente esquecer né, isso.

4. Onde e quando vocês contam as histórias (as narrativas orais)?

R: Às vezes quando a gente tá com nossos avôs, nossos tios né, e sempre a gente se reúne assim, na tarde, a noite pra eles contar e também no momento de aula também.

5. Você tem curiosidade em saber sobre essas histórias?

R: Sim.

6. Antigamente as pessoas contavam mais histórias? Como elas contavam?

R: Sim contavam, contavam bastante história, ainda existe muito mais ainda histórias do povo Karipuna.

7. Havia mais respeito com os seres sobrenaturais? Por quê?

R: Sim, existia bastante respeito, porque antigamente, por causa que eles acreditavam também né, muito nos antepassados, nos espíritos sobrenaturais né, faziam cura, os pajés também que faziam remédio, eles eram bastante respeitados também.

8. Os professores ensinam essas narrativas na escola? Quando você estudou os professores ensinavam as histórias do povo Karipuna para vocês?

R: Ensinam. A gente estuda bastante em cultura indígena, fala mais sobre nossa cultura também, e as histórias são bastante relacionadas também a isso.

9. Você acha que os avanços tecnológicos estão interferindo nos ensinamentos das narrativas orais na comunidade? De que forma?

R: Estão por causa que, que em vez da gente aprender as vezes mais sobre nossa cultura a gente está esquecendo, a gente tá se coisando mais com as tecnologias de hoje em dia que nos oferecem.

10. Você acha que essa tradição oral pode se perder? Por quê?

R: Eu acho que sim, pode se perder por causa que, a gente, ai vai passando o tempo e eles vão morrendo, e a gente vai esquecendo de tudo, ai eles não vão passando para os filhos pros netos, isso vai acabando tudo.

11. Você teria alguma sugestão para revitalizar as narrativas orais na comunidade?

R: Sim. Eu acho assim, na minha opinião assim, montar assim, grupo assim, dentro da sala de aula assim, e cada equipe, chega e conta histórias da nossa comunidade, os alunos, os professores, também pelas pessoas mais idosas, antigas da comunidade também.

## APÊNDICE - G

Entrevistado 3

Data: (15/01/2018)

Nome: Elbison dos Santos

Idade: 18

Etnia: Karipuna

Nome dos Pais: Amarildo dos Santos e Eudília dos Santos

Ocupação: Estudante do 2º ano do ensino médio

1. Você tem conhecimento de alguma história da Aldeia Manga ou dos Karipuna? Conte-nos um pouco sobre essas histórias.

R: Acho que não, não tô lembrado agora. Sim, sim, eu ouvi na escola algumas histórias sendo contada né, por outros colegas sobre histórias assim, da Matintaperera, que, é, numa, tem muitas que aconteceu né, assim, de um dia, eu vou contar um pouco assim, uma parte dela. De um dia, ai, um homem saiu bem distante da sua casa pra caçar, ai, bem dentro da mata ele avistou um choro, ele escutou um choro de uma criança chorando no fundo do mato, ai quando ele chegou perto da criança, ela tava sendo cuidada pelo um grande sapo, ai, depois ele chegou, ele perguntou da criança onde é que tava a mãe dela, ai ela respondeu que a mãe dela tinha saído pra buscar comida, ai depois ele pegou a criança, ele tava voltando com a criança pra casa dele, ele ia levando ela de volta, ai a criança começava a chorar bem alto, bem alto, ai depois a mãe da criança escutou, que era a matintaperera, escutou, ai saiu correndo atrás, ai, ai depois ela vinha quebrando tudo assim, bem, bem rápido mesmo, pra tentar salvar a filha dela, ai depois o homem escutou, ele viu que não era, não era algo assim, pessoa normal né, era algo sobrenatural, assim, ai ele saiu correndo, ai ele pulou na água, ai foi bem na hora que a matintaperera chegou perto dele e disse:

Ainda bem que tu pulou, senão eu ia te matar, ia te bater até você morrer.

Aí é mais ou menos isso.

2. Desde quando você conhece essa História? Quem lhe contou?

R: (risos) eu conheço? Deixa eu ver. Há muito assim que eu vi também no livro né, em alguns livros, tava escrito. Eu li, e também foi na escola que alguns colegas passaram.

3. Qual a importância dessas histórias para você? Para a sua vida?

R: A importância pra mim é que essas histórias vêm trazendo muita das vezes assim, são, histórias contadas da realidade né. Elas vêm trazendo assim, eu posso dizer, coisas que, muitas pessoas já deixaram de contar, muitos anos atrás já deixaram de contar e ela vem, ela



vem trazendo assim pra mim que, conhecimento, é conhecimento dessas histórias eu posso dizer assim, pra gente entender mais sobre essas histórias.

4. Você acha importante que seus professores contem essas histórias para os alunos?  
Porquê?

R: Sim, porque muitos alunos não sabem, muitos alunos não conhecem, como eu assim, eu não conheço muitas histórias né, aí, através dos nossos colegas, através de, de outras turmas que venham contar essas histórias, muitas das vezes histórias que a gente nem conhece, aí eles contam pra gente e a gente passa a conhecer.

5. Onde e quando vocês contam as histórias (as narrativas orais)?

R: Sim, tem momentos assim, quando a gente tá conversando sobre isso né, muitas das vezes até na casa da gente, os pais da gente sentam e conversam com a gente. Eles começam a falar, também tem momento na escola que, de apresentação de trabalho, quando a gente passa a pesquisar, quando os professores mandam a gente pesquisar sobre as histórias da nossa, nossa cultura mesmo, da nossa aldeia, eles mandam a gente pesquisar, a gente vai, a gente pesquisa e a gente encontra essas histórias.

6. Você tem curiosidade em saber sobre essas histórias?

R: Sim.

7. Antigamente as pessoas contavam mais histórias? Como elas contavam?

R: Bom, que minha mãe vem falar pra mim, tem falado pra mim que sim né, antigamente era bem falado assim essas histórias, era bem contado.

8. Havia mais respeito com os seres sobrenaturais? Por quê?

R: Eu acho que sim. Eu acho que sim, porque, é, porque antigamente né, existia assim os pajés, eu posso contar aqueles pajés bem antigos né, que, já morreram assim, eles, quando eles faziam rituais assim, muitas das vezes, com esses seres sobrenatural de outro mundo eu posso dizer, e acontecia cura, esses, cura das pessoas assim, e era bem, e é muito, antigamente né, eles acreditavam muito nisso.

9. Os professores ensinam essas narrativas na escola? Quando você estudou os professores ensinavam as histórias do povo Karipuna para vocês?

R: Sim

10. Você acha que os avanços tecnológicos estão interferindo nos ensinamentos das narrativas orais na comunidade? De que forma?

R: Eu acho que não depende. Sim, eles tão preferindo né, (risos) é mais, mais a tecnologia do que, do que pesquisar né, as coisas assim da nossa própria cultura, mas alguns

né, eu posso dizer, porque muitos, é, não deixaram isso né, muitos ainda continuam pesquisando, ainda lendo sobre histórias.

11. Você acha que essa tradição oral pode se perder? Por quê?

R: Isso eu não sei.

12. Você teria alguma sugestão para revitalizar as narrativas orais na comunidade?

R: Como assim? (Refez pergunta). Sim, se é, assim, uma sugestão que eu tenho né, seria, porque muitas histórias já tem contada em livros né, aí seria assim, bem coisa assim, pegar esses livros, e fazer, expor eles né, pra aquelas pessoas, é, lerem mais sobre esses livros, até, até na escola assim, reunir os alunos ainda, que ainda não sabem, sentar um dia com eles, e fazer assim uma roda né, e contar essas histórias pra eles, que eles vinham saber, principalmente para as crianças que vinham né, nesse conhecimento agora que muitos pais não contam pra eles, assim, e a gente fazendo isso não, já vem ca, já vem é, já a gente vai é, tá falando pra eles assim, o que acontecia antes e que hoje muitos já tão esquecendo disso.

## APÊNDICE – H

Entrevistado 4

Data: (15/01/2018)

Nome: Ednelson Castilho Oliveira

Idade: 19 anos

Etnia: Karipuna

Nome dos Pais: Danilson Oliveira dos Santos e Luciléide Guimarães Castilho.

Ocupação: Estudante 2º ano do Ensino Médio

1. Você tem conhecimento de alguma história da Aldeia Manga ou dos Karipuna? Conte-nos um pouco sobre essas histórias.

R: Tem, tem, tem um bucado né, (risos). Sei, só que eu não sei contar direito assim, mais eu posso contar só uma parte. Mas como assim só daqui mesmo ou qualquer uma pode ser? (Explicou). Deixa eu lembrar duma. a gente fez isso ai né, a gente tava estudando, a gente fez um bucado de história na escola.

Tem uma história ali embaixo, que é nesse rio mesmo do Curipi da aldeia Manga ne, é que eles falam sobre uma cobra né, que, eles falam que, que a cabeça dela fica debaixo daquela montanha lá, aquela montanha grande do Cajarí né, aquela montanha lá, e segundo comentário eles falaram assim, eu só vou falar rapidinho tá, rsrrsrs, que eles falaram assim, que tinha um pajé lá no Espírito Santo, o finado Janjam, era um pajé, falaram que, a partir do momento se esse pajé morresse, porque era ele que tinha amarrado ela, se esse pajé morresse, é, essa cobra ia ser solta, e é, apesar do momento que ela fosse solta, aqui a aldeia Manga ia pro fundo né, só que esse pajé morreu e até agora não aconteceu.

E, eu não sei contar assim direito só, fiz resumi mesmo essa história.

2. Desde quando você conhece essa História? Quem lhe contou?

R: Faz tempo, desde quando acho eu tinha uns 10 anos.

É, eu ouvi muito assim na escola com os professores mesmo, e, minha avó já contou isso ai, meu pai né.

3. Qual a importância dessas histórias para você? Para a sua vida?

R: A importância? (Refez pergunta). A, agora (risos). Como assim? (Refez pergunta, mas não soube responder)

4. Você acha importante que seus professores contem essas histórias para os alunos? Porquê?

R: É bom, porque fica assim bem interessante né, a gente fica sabendo como foi, é assim, os velhos tempos né, assim como os antigos contam, assim, e, a gente vê assim que o que que aconteceu né, como eles falam que aconteceu, um bucado de coisa, por isso que acho importante e eu gosto também de ouvi.

5. Onde e quando vocês contam as histórias (as narrativas orais)?

R: É, tem vários momentos assim, por exemplo assim quando, principalmente quando, vai assim, uma equipe assim de homens quando eles vão caçar pra algum lugar sabe? é, isso daí, tem sempre tem um momento né, deles contarem, começarem a contar essas histórias, parece pra, pra dar medo, não sei, começam a contar essas história, quando a gente vai pra demarcação eles contam muito essas histórias, quando é a demarcação da área indígena, eles contam muito, na escola mesmo, de vez em quando o professor assim, ele para né, ele fala: não um bora fazer , fazer um círculo assim, daí cada um vai contando uma história assim, e, por isso que eu acho assim bem interessante, porque tem histórias que são bem interessante mesmo, dá, do nosso povo assim.

6. Você tem curiosidade em saber sobre essas histórias?

R: Hunrum, tenho.

7. Antigamente as pessoas contavam mais histórias? Como elas contavam?

R: Contavam, antes eles contavam e, eles acreditavam mais né, que hoje em dia, nós tamo vendo que, quanto mais vai evoluindo o tempo assim, vão passando se dizer, a desacreditar mais, antes assim valorizavam muito essas histórias.

8. Havia mais respeito com os seres sobrenaturais? Por quê?

R: Havia.

9. Você estuda? Os professores ensinam essas narrativas na escola? Quando você estudou os professores ensinavam as histórias do povo Karipuna para vocês?

R: Ensinam.

10. Você acha que os avanços tecnológicos estão interferindo nos ensinamentos das narrativas orais na comunidade? De que forma?

R: É, por uma parte sim né, que a gente né, que a gente pesquisa as vezes e aparece vários tipos de história né, assim, mas não sei também. Que eu ouvi falar, foi muito assim na, de História mesmo as vezes, porque vem o professor de história né, do SOMEI, daí as vezes ele faz assim da gente, ele pergunta assim historias, pra gente contar histórias que aconteceu já daqui né, ou de outros lugares assim, a gente estudou também em artes, eles fizeram assim

um debate assim, sobre história, e, na nossa, aqui da cultura indígena mesmo, é nessas matérias mesmo.

11. Você acha que essa tradição oral pode se perder? Por quê?

R: Eu acho que não.

12. Você teria alguma sugestão para revitalizar as narrativas orais na comunidade?

R: Acho que, na escola eu acho que não, porque na escola eles passam bastante essas coisas assim com a gente assim.

## APÊNDICE - J

Entrevistado 5

Data: (15/01/2018)

Nome: Jean dos Santos.

Idade: 19 anos

Etnia: Karipuna

Nome dos Pais: Horácio dos Santos e Elizete dos Santos

Ocupação: Estudante. 3º ano do Ensino Médio.

1. Você tem conhecimento de alguma história da Aldeia Manga ou dos Karipuna? Conte-nos um pouco sobre essas histórias.

R: Olha, aqui, aqui na aldeia do Manga né, aqui, os professores eles trabalham, eles trabalham muito com isso ai né, é, toda vez a gente tá fazendo trabalho sobre isso ai, sobre, é, fazendo história, fazendo história, contando história na escola né, fazendo apresentações, os professores, porque os professores aqui no Manga, é, da cultura indígena né, eles, eles trabalham muito, eles tentam lembrar, o, do nosso passado, dos nossos, é, nossos avós, porque, eles contaram muitas histórias pra nós, nossos pais, é, o meu pai ele, eu peço dele, ele sempre, ele conta história pra mim.

2. Desde quando você conhece essa História? Quem lhe contou?

R: Agora, agora não, só quando eu era mais pequeno que ele contava assim pra mim, que ele contava histórias assim, mas agora não.

3. Qual a importância dessas histórias para você? Para a sua vida?

R: Bom, ele, essas histórias, é, porque ele, eles falam muito sobre, sobre aqui né, da aldeia, do, é muito bom, nós lembrar sobre essas histórias né, que nossos pais nossos avós, eles contam pra nós, porque pra nós aprender né.

4. Você acha importante que seus professores contem essas histórias para os alunos? Porquê?

R: Sim. Porque, porque eles, eles nós ajuda né, é, nos ajuda a, a conhecer essas histórias né, que, do nosso passado, do, daqui da aldeia e é muito importante pra nós aprender isso, pra nós, quando, por exemplo, quando nossos, quando nós ter nossos filhos né, ai de nós, ai já possamos passar para nossos filhos, essa histórias que nossos pais, nossa avó ela conta assim.

5. Onde e quando vocês contam as histórias (as narrativas orais)?

R: Ai, as vezes, as vezes quando, quando a gente tá assim reunido né, ai nós fala um pouco sobre isso ai, com os meus colegas, mas, é mais também na escola que eles passam isso, que eles passam, nos conversa sobre isso, que nos faço história né, nos conta na nossa escola, é mais na nossa escola mesmo, e as vezes a gente conversa na rua sobre isso também.

6. Você tem curiosidade em saber sobre essas histórias?

R: Eu tenho, eu curiosidade.

7. Antigamente as pessoas contavam mais histórias? Como elas contavam?

R: Mais histórias? (Refez pergunta). Sim, acho que sim. (Disse que esqueceu como contavam).

8. Havia mais respeito com os seres sobrenaturais? Por quê?

R: Como assim? (Refez pergunta). Eu acho que sim né, (risos), eu acho que sim, que.

9. Os professores ensinam essas narrativas na escola? Quando você estudou os professores ensinavam as histórias do povo Karipuna para vocês?

R: Sim, na disciplina de cultura indígena, língua materna, artes.

10. Você acha que os avanços tecnológicos estão interferindo nos ensinamentos das narrativas orais na comunidade? De que forma?

R: Bom, aqui na aldeia né, desde quando, acho que entrou mesmo essa internet aqui na aldeia, eu acho que, prejudicou muito eu acho, aqui na aldeia né, porque, as pessoas, os jovens, eles, agora, eles querem saber mais da internet do que procurar saber sobre mais da nossa cultura, das histórias, aqui interferiu muito esse coisa da internet na nossa aldeia.

11. Você acha que essa tradição oral pode se perder? Por quê?

R: Se, se a gente, num, num se interessar pra buscar né, aprender sobre essas histórias, acho que, acho que vai, porque depende de nós né, depende de cada um de nós se interessar para saber sobre essas histórias.

12. Você teria alguma sugestão para revitalizar as narrativas orais na comunidade?

R: Como assim? (Refez pergunta). Eu acho qui, aqui na aldeia né, é, a gente tá precisando muito, os professores, é, como tu falou ai, os professores ter mais tempo, aqui na aldeia, eles, eles tem muito tempo pra trabalhar o sobre isso, a carga horária também é pouca na escola aqui, e, e eu acho que é muito importante sim, pra gente aprender cada vez mais, era pra eles dá mais espaço para eles, como tu falou, é pra dar mais espaço para eles mesmo, pra nos ensinar cada vez mais, porque é muito importante sim, nos aprender cada vez mais sobre nossa cultura, então a gente vai, vai se perder, a gente vai perder esses mitos, essas histórias.

## APÊNDICE - K

Entrevistado 6

Data:(15/01/2018)

Nome: Franciane dos Santos Batista

Idade: 16 anos

Etnia: Karipuna

Nome dos Pais: Tarjes dos Santos Batista Karipuna e Francinéia dos Santos.

Ocupação: 1º ano do Ensino Médio 1º ano.

1. Você tem conhecimento de alguma história da Aldeia Manga ou dos Karipuna?  
Conte-nos um pouco sobre essas histórias

R: Tenho. (Tu poderia contar um pouquinho pra nós?). Eu sei 2 histórias que envolvem o povo Karipuna, a primeira é sobre o surgimento da aldeia Manga, que é da nossa aldeia e o outro é a origem do mundo pros Karipuna, que eu ouvi na escola, que foi trabalhado pela professora Valdirene que passou pra gente e a origem, e da origem da aldeia manga foi com o professor Rosinaldo com a professora Valdirene que trabalharam em sala de aula com a gente. Vou contar da origem da aldeia manga.

Há muito tempo atrás, quando, existia apenas duas aldeias, que era o Santa Isabel e o Espírito Santo, o, tinha algumas famílias que vinham e, passavam por aqui, subiam o rio pra ir atrás de comida, pra fazer suas roças, então, aqui na, nessa parte do lado esquerdo do rio Curipi, então sempre muita gente vinha viver, tipo assim, passar assim alguns dias, pra ir lanternar pra caçar, ai os homens, ai, só que eles não ficavam assim muito tempo, por causa que eles tinham um mito de matintaperera né, que assustava bastante todas as famílias.

Então eles não ficavam, eles ouviam vários gritos que assustavam, então eles acabavam descendo, baixando o rio novamente. Só que tinha um homem que era a família do seu Florenço né, então ele falou, ele resolveu subir o rio e, fez sua roça e ele resolveu morar com sua família aqui, ai, só que eles ouviam né, só que ele era muito crente em Deus né.

Então, ai ele foi, fez sua família. Primeiro veio ele e seus cunhados, depois ele foi e veio mais um irmão com ele que era o, esqueci o nome dele, que eram três, e ele foi o primeiro cacique da aldeia, então eles ficaram, permaneceram. Só que no início da moradia deles aqui, eles ouviam ainda a matintaperera, ai ele fez alguns rituais, então expulsou né, esse bicho.

Ai, então, com um tempo pra cá, vieram novas famílias, e novas famílias, foi assim que começou a aldeia.



(Indagamos). Essa outra que tu sabe, que foi a professora Valdirene contou?

Sim, ela e o professor Rosinaldo, a origem do mundo para os Karipuna.

É mais ou menos assim.

É, antigamente, há muitos anos atrás, muito tempo, existia um homem que se chamava Noel, e ele era muito crente em Deus.

Ai, um dia, um homem apareceu na casa dele, no meio de chuva, de um temporal muito forte, e ele disse, havia dito que o mundo, esse mundo que nós conhecemos aqui, ia ter fim, ia acabar, ai que ele falasse para as outras pessoas né, como o coração dele era muito puro, então ele escolheu ele pra falar.

Ai, só que ele acabou falando para todo mundo, só que eles não acreditaram nele né, só a sua família.

Então ele pediu para que ele fizesse um barco, um barco muito grande mesmo, ai então ele fez o barco, ele escolheu a madeira que era somente de uma madeira (só que eu não sei o nome da madeira, esqueci), ai então, que ele pudesse fazer esse barco, é, esse barco era muito grande e somente ele e a sua família deviriam entrar, e todas essas plantas, todas esses animais, tudo o que se conhece pra que, repovoar novamente, ai então com o tempo, quando estava quase se aproximando, ele falaram pra ele que era chegada a hora, então só ele com toda a família dele pra entrar dentro, ai, só que o homem pediu pra ele que colocasse dois baldes no canto do barco, ai então ele entrou e colocou ele fez uma janela, ai então quando o vento bateu no balde, passou muito tempo veio o diluvio e tudo isso que nos conhecemos foi embora né, sumiu, ai então quando a terra tava seca então, então o balde eles, o vento soprava no balde, então fez o barulho, então ele sabia que a água tava baixando, ai então ele mandou o urubu né, ele mandou ele, pra ver, só que ele nos cinco primeiros dias ele retornou, só que depois ele não retornou mais, então ele sabia que a terra tinha secado, ai então quando ele saiu, ele viu tudo devastado, não existia nada, então ele e a família dele, eles ouviam muitos gritos de pessoas, eles ouviam como se eles tavam vivendo em outro mundo sabe, por causa que eles ouviam vários gritos, crianças chorando, animais gritando, berrando, monte de coisa por causa que ele, e ele falava pra família dele que eles ouviam isso por causa que essas pessoas, eles tinham morrendo sofrendo, eles morreram sofrendo, ai então o barco dele é localizado na montanha do Cajari, a montanha mais alta aqui da região, então é dizendo que foi lá que ficou o barco, e a ancora do barco é encontrado no oceano, é uma pedra muito grande, então, é lá que é localizado, só que eu não sei o nome do oceano, fica pra lí, é mais ou menos assim a história .

(Quando indagada se conhecia mais historias) (ela disse que conhecia e podia contar-nos mais um pouco).

Sim, várias histórias. Meu pai acostumava contar pra mim, a história que ele me contou durante todo esse tempo foi a do iacaicanin e do cascalé.

Há muito tempo atrás existia uma família que mora numa ilha, então essa família, ela sempre faziam festas né, o ritual do turé, então toda lua cheia em outubro na lua cheia, então eles faziam esse ritual, ai tempo um tempo que a chegada, estava chegando o dia da festa, então a família começou se preparar fez bastante caxixi convidou muita gente, então quando chegou o dia da festa todo mundo veio para a festa, ai então, só que debaixo dessa ilha, eles não sabiam, só que morava uma grande cobra muito grande, ai então, eles começaram a dançar comemorar se divertir, tomar caxixix, ai a filha do pajé, então ele tinha uma filha e os filhos e a mulher dele, ai então, a cobra vendo toda essa festividade, então ela veio dançar com eles, eles pra eles achavam que era humano, só que não era, era de outro mundo, só que ele veio dançar com eles na festa, ele dançou a noite toda, ele chegou 8 horas da noite na festa e dançou até umas 2 horas, só que ele acabou se apaixonando pela filha do pajé, só que ai eles dançaram, dançaram, dançaram, até que a cobra pediu pra eles irem dormir, só que a cobra ela tinha bebido muito, então ela tava porre, o pajé também tinha bebido muito, então ele também estava porre, ai então quando eles foram dormir, então a cobra sem perceber ela acabou se desfazendo, ela saiu dessa pele de humano, então ela acabou se transformando novamente em cobra, ai então, o dia amanheceu, no dia seguinte mãe da menina foi lá acordar a filha dela, quando ela viu que a filha dela tava na rede com um ser extraordinário, uma cobra, então ela ficou apavorada, ela correu pra chamar o marido dela, só que o marido dela tava porre, ele tava muito porre então ele não acordava, até que ela foi e chamou os filhos que vendo isso, então resolveram, eles tramaram matar ela, eles pegaram machado, o coisa do pilão, aqueles coisa que eles pilam né, então pra matar a cobra, só que a mãe deles falou que seria mais fácil se eles fizessem breu para segar a ela, pra depois matar ela, então eles fizeram breu e quando, vendo que a filha né, tava sendo sufocada já pela cobra, ela tava apertando ela demais, então eles fizeram o breu e colocaram, então quando eles abriram o olho dela e colocaram o breu ela acordou com a dor então só que eles só segaram um lado de olho dela, então ela deu um pulo e foi rapidamente pra agua, eles não deram tempo de matar ela , ai então quando ela chegou , a cobra chegou no fundo lá do, na casa dela, lá no fundo doutro mundo, então ela afundou toda aquela ilha, então todos os, todas as pessoas, animais, todos os que estavam lá foram embora, eles foram pro outro mundo. Ai, os antepassados dizem que toda vez que eles

passavam lá na lua cheia, então eles ouviam o galo cantando, cachorro, eles ouviam papagaio, eles ouviam gente falando, nas festas, porque eles dizem que eles não morreram né, eles foram tudo pro outro mundo, então lá, todo dia em noite de lua cheia eles fazem a festa deles, eles cantam e festejam, só que não nesse noutro.

É assim.

2. Desde quando você conhece essa História? Quem lhe contou?

R: Aprendi elas com o professor Rosinaldo que foi meu professor de história professora Valdirene foi de cultura indígena. A outro foi meus pais.

3. Qual a importância dessas histórias para você? Para a sua vida?

R: A importância delas, além de preservar nossa cultura que é muito importante, ela faz a gente ter uma visão né, por causa que os nossos antepassados eles tinham uma outra visão desse mundo, eles tinham outra visão da natureza, eles não viam a natureza como uma simples natureza, eles viam a natureza como um deus, um bem que dá a vida pra eles, então eu vejo isso, por causa que nós mesmos, nessa nova geração, não tá, nós não vemos como os nossos antepassados viam, ai, então pra mim é importante porque ela faz a gente ver, conhecer como é realmente a nossa cultura, da onde a gente veio, porque e como a gente finge estar aqui, porque foi eles que deixaram prá nois.

4. Você acha importante que seus professores contem essas histórias para os alunos? Porquê?

R: Sim. Eu acho importante por causa que assim eles não deixam morrer, por causa que você vê hoje em dia, poucos jovens sabem essas histórias, poucos jovens conheçam um pouco da nossa cultura, então se os professores ajudarem, então eles podem conhecer, e podem passar de geração em geração, que esses nossos mitos, essas nossas histórias não morram não fiquem pelo caminho.

5. Onde e quando vocês contam as histórias (as narrativas orais)?

R: Mais quando a gente está na roça trabalhando, todo mundo reunido, então eles, na hora da conversa né, então eles sempre contam ali, ai um puxa um assunto, o outro conta aquela história, ai o outro puxa aquela outra história pro trabalho poder mais animado e andar, então é mais assim, quando a gente tá almoçando, quando a gente vai pra roça, trabalhando, capinando, raspando mandioca, arrancando mandioca, então é mais ou menos nessas.

6. Você tem curiosidade em saber sobre essas histórias?

R: Tenho.

7. Antigamente as pessoas contavam mais histórias? Como elas contavam?

R: Sim, contavam muito mais do que hoje. Antigamente pelo que eu sei, eles se reuniam todos né, na beira de uma fogueira, que não tinha mais a essa eletricidade né, então eles se reuniam todo mundo junto, ai um contava pro outro, o mais velho né contava pros mais jovens, e depois os mais jovens contavam pros mais velhos, e assim ia passando de geração em geração.

8. Havia mais respeito com os seres sobrenaturais? Por quê?

R: Muito mais respeito. Por causa que eles viam os seres sobrenaturais como uma divindade, eles viam como é, eles viam eles como a, deles serem eles que fazem eles estarem aqui, hoje em dia não. Eles viam eles, por causa que a natureza, vou dar um exemplo. Eles viam a natureza como a mãe deles, a terra a mãe deles, ela que faz eles estarem ali, e hoje não. Hoje já veio outras culturas, outras crenças, então eles não estão tendo mesmo esse respeito.

9. Você estuda? Os professores ensinam essas narrativas na escola? Quando você estudou os professores ensinavam as histórias do povo Karipuna para vocês?

R: Os meus professores, assim, pra gente uns ensinavam sim, tipo o professor de cultura indígena até o professor de história ensinava, de língua indígena, língua materna.

10. Você acha que os avanços tecnológicos estão interferindo nos ensinamentos das narrativas orais na comunidade? De que forma?

R: Tão. Por causa que elas não estão sendo, elas não estão sabendo utilizar entendeu, a gente não tá sabendo utilizar esses avanços tecnológicos a nosso favor, e sim, a gente tá deixando com que ele atrapalhe na nossa cultura, nessas histórias, em vez da gente é, utilizar ela pra nos ajudar a gente tá utilizando pra nos prejudicar, então eu aho que é isso, tá atrapalhando sim.

11. Você acha que essa tradição oral pode se perder? Por quê?

R: Pode se perder sim, porque hoje em dia é difícil você ver um jovem chamar seu pai pra ter essa curiosidade de conhecer um pouco mais da nossa cultura, porque antes era muito, você ver um jovem chegar no seu pai na mãe no avó, e pedi, ele queria conhecer, hoje em dia não, hoje em dia você não vê isso, por causa que tá.

12. Você teria alguma sugestão para revitalizar as narrativas orais na comunidade?

R: Sim, por causa que eles dizem que a gente tem que está avançando juntamente com os não indígenas, então eu diria, vamos sim, vamos ser modernos, mas não vamos deixar nossa cultura de lado, temos que saber, nós temos que saber utilizar a internet, nós temos que saber utilizar televisão, mas não deixando de lado nossa a cultura, por que é ele que é a nossa

identidade, é ele que faz a gente ser índio, e sem ele a gente não teria tudo o que o temos agora.

## APÊNDICE - L

Entrevistado:

Data: (22/11/2017)

Nome: EDILEUZA DOS SANTOS

Idade: 43 Etnia: Karipuna

Ocupação: AGRICULTORA E DONA DE CASA

1. Você tem conhecimento de alguma história da Aldeia Manga ou dos Karipuna? Conte-nos um pouco sobre essas histórias

R: quando a mamãe contava pra nós, ela contava assim. Que tinha uma mulher que morava na beira do rio, ai ela tinha os filhos só que não gostava deles irem para a beira do rio, porque lá existia um peixe e esse peixe encantava as pessoas, ai ela proibia principalmente no tempo em que ela menstruava as jovens que não era para elas irem pra esse rio, ai então quando foi um dia parece que a menina ficou curiosa e ela foi no caminho para ver o que acontecia, se eles fossem lá, ai que quando ela foi chegou lá, um dia a mãe dela falou pra ela, Ubani você não pode ir pra aquele rio, nesse caminho, e contou pra eles, só que a menina ficou curiosa pra ver o que acontecia, se eles fossem lá. Ai ela falou pra ela que ia na casa da tia dela, que não era pra menina ir pra lá, ai quando foi um dia, ela pegou e foi, ela saiu a mulher, a menina foi ver, quando a menina foi ver começou a cantar essa música, ai ela via o peixe boiava, assim, esse peixe ela já começou a se admirar, toda vez que ela ia sem a mãe dela saber , ela via ele se transformava em um homem muito bonito, e ele já começou a encantar ela, gostou dela, ele falou pra ela um dia quando a mãe dela saísse, ou então eles ia se encontrar assim, como a mamãe nos contou a casa da mãe dela ficava assim, mas era no mesmo rio, que como eles não podiam pra mãe não descobrir que eles ia se encontra naquele caminho, então ele ia pra perto onde a tia dela morava e era pra ela ir pra lá e dizer que ia apanhar pimenta, quando ela chegasse lá ia dizer que ia passar uns dias pra lá e dizer que ia apanhar pimenta. Ai ela pegou e falou pra mãe dela. A mãe dela disse que sim, ela enganou a mãe dela, que quando ela chegou lá ela foi certo para aquele lugar de novo pra beirado rio e começava a cantar, aí ele vinha e se transformava em um homem muito bonito pra ela, e falou pra ela que ia levar ela, pra eles ficar juntos, ai o pai dela já descobriu dela.

2. Desde quando você conhece essa História? Quem lhe contou?

R: Desde criança. Minha mãe .

3. Qual a importância dessas histórias para você? Para a sua vida?

R: É importante porque através disso, né diz assim uma coisa da nossa cultura né, desde criança ela contava muitas coisas a gente esqueceu né, é importante pra gente passar

para ossos filhos né, nossos netos, como hoje eu tenho neto eu tinha que dar mais valor a isso pra eu passar para meu filho, meu neto porque é muito importante para o estudo né, que hoje está tendo os professores pedem muito isso da cultura da gente, só que muitas coisas nos não demo valor, o tempo que era pra gente guardar isso, muita história ela nos contou, mas nós já esquecemos, ela contava quando a gente ia deitar, ela ficava contando muita história, as vezes até metia medo na gente, que ela tinha muito isso quando a gente ficava mocinha pra tá andando por aí assim, contava que fazia mal né, bicho podia encantar a gente, fazer algum mal pra gente, a gente já tinha isso.

4. Você acha importante contar essas histórias para seus filhos? Porquê?

5. Onde e quando vocês contam as histórias (as narrativas orais)?

R: Sempre quando a gente ia dormir, esse tempo não tinha energia, a nossa diversão era isso, a gente deitava e ela começava a contar, até que quando minha filha tinha o tamanho da Adely ela contava pra ela história e fazia uma musiquinha pra ela, aí minha filha tinha uma música que ela cantava, ela ensinava ela. Mo paiē mãmã, mo paiē papa, pu keué baloē. Tinha, mas uns pedaços que eu já esqueci.

6. Seus filhos contam essas histórias para os filhos deles? Eles têm curiosidade em saber sobre essas histórias?

R: minha filha acho que não. Ela tem.

7. Antigamente as pessoas contavam mais histórias? Como elas contavam?

R: Contavam, muito olha o Amarildo ela sabe de muita história. Ele contava pra nós também.

8. Havia mais respeito com os seres sobrenaturais? Por quê?

R: Havia, por causa disso né, que eles contavam a gente, porque a gente via acontecia né, a gente já tinha aquela fé que ia acontecer isso né, quando era o tempo que a gente ficava menstruada não podia ir pra roça, igarapé, se a gente fosse eles diziam bicho pode te olhar, dar mal olhado ou te bater, como assim com uma dor de cabeça, se te dar um mal olhado e não tivesse alguém pra rezar em ti, então tu podia até morrer com essa dor né, podia incorporar.

9. Você lembra como eram ensinadas essas narrativas pelos professores quando você estudou?

R: Não lembro não, mas u nunca escutei dos meus professores isso. mas era dos pais da gente, que contavam. sempre escutava era da mamãe, sempre a mamãe que contava pra nós.

10. Você acha que os avanços tecnológicos estão interferindo nos ensinamentos das narrativas orais na comunidade? De que forma?

R: Sim, porque agora eles não querem saber mais com as coisas de hoje, as coisas da cultura não procuram mais pra querer se informar, saber então tem muitos jovens hoje que nem sabem, não tem conhecimento do que acontecia antes.

11. Você acha que essa tradição oral pode se perder? Por quê?

R: Eu acho, porque não está tendo mais incentivo, é muito difícil umas pessoas antigas assim, os jovens procurando eles para saber, hoje é muito difícil. Então eu acho que através disso se eles levassem isso a mais para escola, os professores incentivassem, deixar um pouco hoje em dia com a televisão, com isso ai a internet, eles não querem mais saber disso, querem saber de outras novas coisas. da nossa cultura eles mesmos estão esquecendo, então pode acontecer, a gente pode ver que muitas coisas já mudou, que já esqueceram, estão deixando de lado.

12. Você teria alguma sugestão para revitalizar as narrativas orais na comunidade?

R: Não sei, eu acho que se a comunidade, cacique reunisse, tirasse um tempo trouxesse esses idosos para contar essas histórias passasse para os filhos dar mais valor, eu acho que eles se interessem mais um pouco. mas hoje a gente ver que não tem um apoio quase assim, não querem saber né, é difícil mesmo.



## APÊNDICE - M

Entrevistado

Data: (22/11/2017)

Nome: Amarildo dos Santos

Idade: 53

Etnia: Karipuna

Ocupação: Eu trabalho na roça, sou aposentado

1. Você tem conhecimento de alguma história da Aldeia Manga ou dos Karipuna?  
Conte-nos um pouco sobre essas histórias

R: Em relação aos Karipuna eu não tenho não. Porque assim, como mais ou menos?

(Refez Pergunta)

Aconteceu que antigamente né, antigamente como o finado papai falava que tinha muito pajé, que fazia grandes coisas assim né, por exemplo, eles curavam, curavam muita gente, então a gente já tinha fé naqueles pajé que curavam, eles curavam por exemplo se tu tivesse algum problema podia ir lá com eles né, que eles curavam, eles cantavam né, pra ver qual é o problema que a gente tem, então eles descobriam, é assim olha, esse da cobra que encantou a mulher foi assim, no tempo que eles estavam trabalhando ouro aqui pra cima mesmo né, no rio, no rio Curipi, eles tavam trabalhando ouro, isso era tempo dos crioulos, quando eles trabalhavam muito ouro, ai eles subia de canoa cheia de garimpeiro, eles ia trabalhar aqui pra cima, ai quando foi o tempo que os garimpeiros passaram primeiro foro de motor, eles iam subindo, ai veio um homem com a mulher dele né, eles iam atrás de remo, eles iam subindo de remo eles dois. Ai então, esse homem com essa mulher dele eles iam só eles dois, ai eles foram subindo, foram subindo o rio, ai quando chegaram certo lugar lá em cima mesmo, ai ele falou pra mulher dele, ele disse olha, vai dar meio dia, ele disse, eu vou ter que matar um peixe que é pra nós comer, ai a mulher dele disse, então eu vou lá atrás, eu vou pilotar né, e vem aqui na frente, ai ele passou pra frente da canoa e ela foi pra trás, ai então ele foi flechando o peixe né, ele foi flechando o peixe, então quando eles chegaram certo ponto acho que aonde a cobra grande morava, ela encantava mesmo, ai ele chegou lá, ai ele viu o peixe e ele começou a flechar, e ele não olhava assim para trás da canoa né, que era pra ver a mulher dele, ele tava prestando atenção no peixe, ai ele, pegou e flechou um peixe, ai ele falou pra ela, rema que é pra eu pegar o peixe, ela remou e ele pegou o peixe, ai eles foram mais na frente de novo, ele flechou outro peixe, ai ele pediu pra ela remar de novo, rema ele falou, ai ele falou umas duas vezes assim pra ela e ele não olhava para trás, quando

ele olhou assim pra trás da canoa ele não viu mais a mulher dele, ele viu só as roupas dela assim, bem ajeitadinho atrás da canoa assim onde ela tava sentado, ai ficou, ele falou meu Deus ele disse: o bicho levou minha mulher, o bicho levou minha mulher.

Ele deixou o peixe que tava na flecha, ele num foi nem atrás, ai ele voltou, ele disse não, eu vou voltar, ai esse tempo bem aqui no Bastiõ, nessa aldeia pequena, aqui no Bastiõ morava esse pajé por nome Bastiõ la, ai ele morava lá né, ai ele veio diretamente lá com esse pajé né, ele chegou lá com ele, ai falou pra ele, ele disse a, é a cobra grande que tem lá, e é ela que encantou tua mulher e ela tá lá com ela, no fundo agora, são três ele falou, são três cobras, essa cobra ela não tinha mulher que é a cobra macho né, e ela tem um filho que ta perto dela também, é um cobra macho também.

Aí ele disse: nós vamos lá. Ele falou, ele disse eu vou cantar hoje e amanhã, nos vamo lá. Então quando foi a noite ele preparou tudo e mandou chamar ele.

Ele disse: Olha agora eu vou cantar, vou ver o problema dela e o que aconteceu com ela.

Aí ele pegou ele cantou a noite, começou cantar, cantou, cantou, ai ele disse: Olha é a cobra que encantou ela, tu quer a tua mulher de volta?

Ele falou assim: Eu quero minha mulher de volta.

Aí ele disse: Então nó vamos pegar quatro pessoas boa que tenha força e coragem para pegar ela. Ele disse olha; amanhã, meio dia, tem uma pedra bem grande no meio do rio, essas cobras vão estar lá se esquentado em cima daquela pedra, todos três, então a tua mulher ela tá bem no meio, o primeiro é o macho, o segundo é ela, e o terceiro é o filho que está enrolado, meio dia eles vão está lá. E nós vamos lá pegar.

Aí ele disse: olha, vocês vão na roça, tem uma planta que eles chamam tracuá, ai vocês tiram e tragam para mim, que eu vou trançar uma corda. É com essa corda que vocês vão laçar a cobra, para pegar ela, e vocês vão levar galho de pião, para dar uma surra nela, mas tem que bater nela mesmo, quando ela gemer, que der o primeiro gemido vocês param, vocês não batem mas nela.

Ele disse: eu não vou, e só vocês que vão, eu vou ficar aqui mesmo em casa, daqui eu vou ajudar vocês.

Daí o pajé mandou eles, e os homens foram embora, quando chegaram lá naquele ponto onde o pajé havia falado que eles olharam viram aquele monte de cobra em cima da pedra que estava se esquentando, aí eles foram bem devagar chegando próximo das cobras, e disseram: Como nós vamos pegar ela?

Ai tinha um deles que eram bem corajoso, e disse:

Um bora remando.

E foram remando, quando chegou perto o macho ouviu o barulho deles, e desceu para água, e o filho desceu também logo atrás, e ela estava dormindo e eles aproveitaram para correrem em cima da pedra, quando ela levantou para correr, eles jogaram o laço, ai eles laçaram ela e começaram a bater, bateram, bateram, bateram nela, aí ela gemeu, quando ela gemeu eles pararam como foi que ele mandou, ai trouxeram ela, e ela foi virando gente, até chegar onde o pajé estava ela já tinha virado gente,, mas ficou com uma pinta de cobra no meio da costa dela, chegando ela disse que queria voltar que ela não era, mas desse mundo, ela já era do outro mundo, trouxeram ela amarrada. Quando chegaram com o pajé ele fez banho para ela, começou a dar banho nela, fazer remédio, ela ficou boa. Mas não demorou muito tempo e ela morreu, aí foi assim né, a história que aconteceu.

Outra historia.

Eu vou contar outra que aconteceu mesmo sabe. Dois compadres foram caçar, era a primeira chuvada do inverno, o tempo tava muito feio, foram de canoa, chegaram num lugar chamado cachoeira empinada, e ficaram por lá pescando. O compadre Fausto falou: Olha daqui vamos voltar, para pegar peixe a noite.

O compadre Zé falou: Então tá.

Ficaram por lá em cima das pedras, pegaram peixe, fizeram assado e comeram. Quando foi umas oito horas da noite, pegaram sua canoa e começaram a subir o rio devagar, daqui a colar o compadre Fausto arpoava um trairão e foram subindo o rio, quando foi umas duas horas da madrugada, o compadre Zé escutou aquele grito, uma pessoa gritando, gritando, caçando de noite e falou para o compadre Fausto:

Compadre escuta a pessoa caçado aí.

O compadre Fausto falou: Eu tô escutando.

Então era aquele homem gritando para os cachorros txou, txou, txou e os cachorros latindo, cachorro latindo a noite, muito cachorro, latido de cachorro grande, o compadre zé falou: Meu Deus!

Aí eles continuaram remando, remando, escutando o barulho, aí o compadre Zé disse para Fausto: Tu sabes quem é esse homem que está gritando aí na frente?

Ele disse não, o compadre Zé então falou: Então vamos parar aqui.

Pararam, mas o homem continuava gritando, caçando, ele estava caçando e dava aquele relâmpago e trovão, e os compadres lá e falavam vamos ficar aqui mesmo porque

ninguém pode passar, aí ficaram e pararam próximo a boca de um igarapé e ficaram, e o homem caçador chegou na beira do rio e gritou, gritou, que era para atravessar mais não conseguiu, daí ele voltou e escutaram o grito bem para dentro do mato. O compadre Fausto então disse: um bora em bora, agora!

Aí eles passaram e remaram bastante e passaram. O compadre Zé disse ainda bem que nós passamos e quando iam passando próximo há uma montanha, ouviram de novo aquele barulho vindo para cima deles, agora o bicho veio, parecia dois cavalos correndo um atrás do outro, mas era duas antas, então esse caçador ele tava atrás dessas duas antas, e escutaram os cachorros latindo e vindo atrás das antas, as antas vieram e chegaram próximo a eles, e uma delas caiu na água, o compadre Fausto falou: Eu atiro ela?

O compadre Zé disse não, bora embora, porque escuta como o caçador vem atrás, e foram, não demorou a outra anta caiu na água perto deles de novo, mas continuaram remando, e foram embora, mas quando escutaram novamente lá vem o caçador gritando e os cachorros atrás, o compadre Zé falou: Compadre vamos embora se não o caçador vai atirar em nós, se ele nós enxerga.

E foram embora, quando chegou na aldeia o compadre Zé falou para seu pai. O pai disse meu filho sabe o que é isso é o caçador, que estava caçando, vocês tiveram sorte que ele não viu vocês, porque se ele tivesse visto tinha feito alguma coisa com vocês. O caçador é um velhinho que anda com uma vara na mão e a arma dele do outro lado, mas essa espingarda o tiro que ele dá é muito forte, igual uma bomba. Ele mora na mata, só aparece em tempo de chuva, relâmpago e trovão é a hora que ele está andando.

2. Desde quando você conhece essa História? Quem lhe contou?

R: Ei Bruna, essas histórias eu conheci desde quando eu tava com os meus 12 ou treze anos. Quem me contava era a mamãe. A mamãe sempre ela contava, ela gostava muito de contar histórias.

3. Qual a importância dessas histórias para você? Para a sua vida?

R: Olha, ei Bruna, eu acho assim muito importante porque a gente tem assim um conhecimento de antigamente pra agora né, como antigamente era né, que eles contavam essas histórias, como eu to dizendo essas histórias que aconteceu mesmo, né, então a gente via muita coisa que acontecia, e hoje a gente já não vê mais essas coisas né acontecendo, então antes acontecia, olha como o finado papai conta, que tinha um pajé né, que morava bem ali, esse pajé ele andava assim em cima da água né, ele andava em cima da água, a gente jurava que ele tava andando em cima de uma ponte, mas não era, era em cima de uma cobra que ele

andava né, como ele conta, ele disse isso dai eles viram também né, eles viram, isso dai ninguém num falou pra ele como ele tava dizendo, foi, ele viu com o olho, com os próprios olho dele né, que ele viu aquele homem andando em cima da água mesmo e ele pensava que ele tava andando em cima dum Buritizeiro mas não era, era em cima de uma cobra que ele andava, e ele era um pajé, ele era um dos pajé maior que tinha, era ele, e ele andava né, em cima d'água tipo num buritizeiro né que ele andava no meio do rio mas não era, era a cobra mesmo.

4. Você acha importante contar essas histórias para seus filhos? Porquê?

R: Ah eu acho, eu acho muito importante. Eu acho muito importante assim, porque aí eles vêm assim aprendendo né, eles vêm aprendendo com aquilo que acontecia antes, e agora porque, como eu acabei de falar, antes a gente via muito né, como era que acontecia e hoje já não acontece né, é muito diferente, então é muito importante.

5. Onde e quando vocês contam as histórias (as narrativas orais)?

R: Olha, a mamãe ela contava assim Bruna isso ai pra nós, mais era a noite né, a noite porque, a noite assim, quando era dia de lua cheia, que fazia aquela lua assim que ficava bem claro né, a gente sentava assim fora de casa assim, a mamãe gostava muito de tá, a gente gostava muito de tá assim fora de casa ela sentava, a lua clara, ai ela pegava, ai a gente dizia: mãe conta uma história pra nós, ai ela pegava e ela começava a contar história, ai então a gente ficava ali horas ali, ela contando história pra gente, era tão bonito, eu gostava muito sabe, eu gostava muito de ouvir história, ela contando para nós .

6. Seus filhos contam essas histórias para os filhos deles? Eles têm curiosidade em saber sobre essas histórias?

R: Olha Bruna, eu acho que não, é muito difícil, porque eu ainda não ouvi né, eles contando assim, é muito difícil.

7. Antigamente as pessoas contavam mais histórias? Como elas contavam?

R: Elas contavam, elas contavam mais histórias, porque elas sabiam né mais o que acontecia assim, elas sabiam e contavam mesmo.

8. Havia mais respeito com os seres sobrenaturais? Por quê?

R: Tinha, tinha mais respeito.

9. Você lembra como eram ensinadas essas narrativas pelos professores quando você estudou?

R: Ei Bruna, eles ensinavam porque teve um que, teve um professor meu ele ensinou um, do tempo do indiozinho né, que ele virou cobra.

10. Você acha que os avanços tecnológicos estão interferindo nos ensinamentos das narrativas orais na comunidade? De que forma?

R: Olha Bruna, eu acho que sim porque por exemplo o celular né, é muito difícil tu ouvir os jovens contando uma história dessa, é muito difícil tu ver os jovens reunidos, sentado contando uma história, porque a gente só vê eles hoje no celular, ali na internet.

11. Você acha que essa tradição oral pode se perder? Por quê?

R: Eu vejo que pode se perder sim, é mesmo assim com a linguagem indígena, com a nossa linguagem o Patuá, se de repente não tiver aqueles adultos que sabe falar pra eles estarem falando com nós mesmo, com as nossas crianças, a gente vai acabar perdendo também por exemplo, os professores de fora venho e tão ensinando o português, então as nossas crianças tão aprendendo o português, e muito difícil a gente ver uma criança falando a linguagem Patuá né, e isso vai se perdendo, o que é cultura da gente, ta se perdendo.

12. Você teria alguma sugestão para revitalizar as narrativas orais na comunidade?

R: Eu acho que se tivesse um idoso, porque tem muito idoso ainda que ele sabe bem falar Patuá né, eu tava conversando com minha esposa, ai eu falei que se tivesse um idoso, um jovem bem interessado, que era pra gente fazer tipo uma reunião, chamar aquele jovem que é pra gente ta falando da linguagem indígena, pra gente não deixar a nossa língua indígena acabar, porque é isso que ta fazendo a gente ser índio, indígena mesmo, porque sem a linguagem da gente, a gente vai em algum lugar, ou se chegar alguém e a gente não tiver falando na nossa língua, vão dizer vocês já não são mais indígenas.

## APÊNDICE - N

Entrevistado

Data: (22/11/2017)

Nome: Cezária Moneiro dos santos

Idade: 75

Etnia: Karipuna

Ocupação: Dona de casa

1. Você tem conhecimento de alguma história da Aldeia Manga ou dos Karipuna?  
Conte-nos um pouco sobre essas histórias

R: Sim. Porque quando nós entramos aqui né, aqui no manga, não tinha ninguém né, era só nós primeiro, eu, o papai a mamãe né, que a gente abriu aqui, que tava abrindo a estrada ia nova né, primeira vez que nós viemos ai né, ai não tinha ninguém, era nós que começamos ai, abrimos, fazer umas casinhas, ai ficamos ai né, ai depois veio chegando os pessoal né, o papai a mamãe, a gente fez roça também e começamos a fazer farinha ai, trabalhar em roça, ai depois ai, foi aumentando.

Nós viemos lá de Santa Izabel, é lá que eu nasci, é la que eu cresci né, ai de lá nós viemos.

Quando eu vim, não, já era senhora, já era mulher, já tinha filhos, e o meu primeiro marido morreu quando tava abrindo ai a estrada né, ele morreu debaixo do pau. Acidente de pau. Aí eu fiquei aí com meus pais né, criando dos meus filhos, até depois arrumei outro companheiro.

A mamãe contou né, que era uma senhora e o marido dela, quando foram pra lá né, esses estavam mariscando né, ai depois quando o marido olhou pra trás não viu a mulher, ai ela sumiu da canoa, ai com uma semana, duas semanas, foram lá com um pajé grande, e ele falou que a mulher dele tava lá, que a cobra encantou ela sabe, o bicho de lá encantou, ai ele fez trabalho, ai então ela veio, eles foram lá e viram ela, ela tinha um colar, ai parecia uma coleira no pescoço dela, ai o pajé falou: olha, aquela ali que é a tua mulher, ai eles bateram pra pegar ela, bateram mas não conseguiram a primeira vez, na segunda vez não conseguiram de novo, na terceira que conseguirm porque o pajé tava lá com eles.

Aí eles pegaram ela, bateram com um sipó e ela foi virando gente.

2. Desde quando você conhece essa História? Quem lhe contou?

R: Faz muito tempo, a mamãe que contava pra os, eu acho que eu tava com uns 10 anos.

3. Qual a importância dessas histórias para você? Para a sua vida?

R: Ah, a gente acha tão bonita, tão engraçada como eles contavam.

4. Você acha importante contar essas histórias para seus filhos? Porquê?

R: Sim, já contei muitas vezes já, quando eles eram crianças ainda, eles falavam; Mãe, conte aí uma história que a senhora sabe.

5. Onde e quando vocês contam as histórias (as narrativas orais)?

R: Aí eu contava para eles, eu contava de tardinha, a i a gente ficava conversando com eles, não tinha televisão, não tinha rádio, não tinha nada, nem motor de luz nesse tempo nada, depois que começou.

6. Seus filhos contam essas histórias para os filhos deles? Eles têm curiosidade em saber sobre essas histórias?

R: Eu nem sei se eles sabem contar essas histórias, nem sabem contar eu acho.

7. Antigamente as pessoas contavam mais histórias? Como elas contavam?

R: Sim, contavam muitas histórias né.

8. Havia mais respeito com os seres sobrenaturais? Por quê?

R: Tinha, sim. Porque não era assim que aparecia muito não, as vezes aparecia, as meninas menstruadas não podiam ir pro rio, porque aparecia no sonho dela, ai ficavam com medo, não podia ir na beira do rio, agora não, agora elas vão tomam banho, mas é ariscado.

9. Você lembra como eram ensinadas essas narrativas pelos professores quando você estudou?

R: A minha professora ela não contava isso pra gente não, ela era de vigia, ela era vigiense, ara a Maria Veronica.

10. Você acha que os avanços tecnológicos estão interferindo nos ensinamentos das narrativas orais na comunidade? De que forma?

R: Agora é, é isso sim.

11. Você acha que essa tradição oral pode se perder? Por quê?

R: Ah, eu acho que sim né, porque eles não ligam mais para isso, só para a televisão, computador, celular, eles não ligam mais para isso.

12. Você teria alguma sugestão para revitalizar as narrativas orais na comunidade?

R: Não sei, se os jovens quisessem né, mas eles já não ligam mais para isso.